

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO**

**A representação da identidade do leitor da Turma do Fundão
na Revista Mundo Estranho**

Mariana Scalabrin Müller

Porto Alegre

2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO**

**A representação da identidade do leitor da Turma do Fundão
na Revista Mundo Estranho**

Mariana Scalabrin Müller

Trabalho realizado como requisito parcial para a conclusão do curso de Comunicação Social – Jornalismo, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Laura Storch

Co-orientadora: Marcia Benetti

Porto Alegre

2011

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Alfredo e Regina, ao meu irmão Marcelo e à minha avó Oria, os mais fiéis apoiadores.

À dedicação, paciência e apoio constante da orientadora Laura Storch. Seu olhar atento e perspicaz foi fundamental para a concretização desta pesquisa.

À professora Marcia Benetti, por despertar em mim o interesse na pesquisa acadêmica e estimular a realização deste trabalho.

À leitora e fã da revista Mundo Estranho, Sandra Rieth.

À equipe do Museu da UFRGS, pelo aprendizado e pelo carinho dispendidos no meu período como bolsista da universidade.

Aos incontáveis amigos, colegas de trabalho e professores que não serão citados aqui, mas foram importantíssimos para a concretização deste trabalho. Em especial, aos queridos Bruna Goss, Luara Minuzzi e Igor Oliveira.

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a representação do leitor, membro da “Turma do Fundão”, na revista Mundo Estranho. A “Turma do Fundão” (TdF) é um grupo de leitores escolhido pela publicação por meio de um processo seletivo para participar da produção mensal da revista Mundo Estranho, opinando e sugerindo conteúdos e pautas. Foram analisadas nessa pesquisa as edições de outubro de 2010 a agosto de 2011, correspondendo aos leitores da primeira “TdF”; além das publicações do blog “Turma do Fundão” entre julho e agosto de 2011, que corresponde ao período de seleção do segundo grupo de leitores integrantes da “TdF”. Por fim, observamos também as manifestações editoriais da revista sobre seu leitor e a “Turma do Fundão”, durante o ano de análise. O objetivo dessa pesquisa é compreender como a revista representa a identidade do seu leitor, a partir da “Turma”. A fundamentação teórica parte de conceitos de identidade trazidos por Stuart Hall e procura discutir aspectos dos processos de leitura, a partir de autores como Lucia Santaella e Roger Chartier. Procuramos desenvolver teoricamente o jornalismo de revista, pensando a definição de suas características principalmente em Maria Celeste Mira e Marília Scalzo. A partir da metodologia utilizada, a análise de conteúdo, e pelas análises desenvolvidas, foi possível concluir que a revista utiliza a presença dos membros da “Turma do Fundão” como estratégia de legitimação de decisões editoriais anteriores. Ao mesmo tempo, a publicação representa o seu leitor com características e preferências específicas que, muitas vezes, não coincidem com os dados apresentados pelos leitores empíricos, no exemplo das informações oferecidas pelos participantes no processo seletivo para a Turma do Fundão.

Palavras-chave: jornalismo, revista, leitor, identidade, representação, Turma do Fundão.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. IDENTIDADE E FRAGMENTAÇÃO NA MODERNIDADE TARDIA.....	4
2.1 As novas identidades no contexto social	10
2.2 O ato de ler e o leitor na sociedade moderna	13
2.3 A leitura de um sujeito fragmentado.....	18
3. JORNALISMO, REVISTA E LEITURA	21
3.1 Revista, uma publicação diferente	24
3.2 As revistas e a segmentação.....	26
3.3 A revista e seus leitores.....	29
3.4 O discurso das publicações	31
4. A TURMA DO FUNDÃO COMO REPRESENTAÇÃO DO LEITOR DA MUNDO ESTRANHO.....	36
4.1 A revista Mundo Estranho	36
4.2 Metodologia: análise de conteúdo	40
4.3 A análise	42
4.3.1 <i>Turma do Fundão 2010: mapas de participação</i>	43
4.3.2 <i>Turma do Fundão 2011: o processo seletivo</i>	60
4.3.3 <i>A identidade sob o ponto de vista institucional</i>	69
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78
ANEXOS	81

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Matéria sobre a Feira do Guia do Estudante	46
Figura 2	48
Figura 3	48
Figura 4	48
Figura 5	51
Figura 6	51
Figura 7	54
Figura 8	54
Figura 9	55
Figura 10	55
Figura 11: Destaque da seção “Digital - Avalie a Revista”	59
Figura 12	61
Figura 13	62
Figura 14	64
Figura 15	66
Figura 16	66
Figura 17	67

1. INTRODUÇÃO

Se pudermos considerar, com autores como Castells (2007), que vivemos em uma “sociedade da informação”, em que ganham destaque importante as infinitas possibilidades de acesso ao conhecimento, uma das questões que se destacam é a que relaciona essa conjuntura com os hábitos de leitura. Em um contexto tecnológico de mutação acelerada, as relações com as tecnologias da informação são, de certa forma, facilitadas para os jovens, que manipulam as linguagens e ferramentas com relativa naturalidade. Nossa curiosidade de pesquisa parte da busca pelo entendimento sobre o que os jovens leem e como se relacionam com o jornalismo impresso. Uma publicação como a Mundo Estranho (ME), com tiragem mensal superior a 160 mil exemplares, e ênfase em temáticas que se encaixam nas preferências desses leitores torna-se, nesse panorama, um objeto interessante de análise.

Compreendemos que o leitor de uma publicação descontraída, irreverente e colorida, ao mesmo tempo leve e atual, como a ME, tem uma identidade específica. Na tentativa de compreender como a revista representa seus leitores, essa pesquisa focou nos jovens da “Turma do Fundão” (TdF), grupo selecionado pela redação para participar opinando, sugerindo e produzindo materiais.

Formado em setembro de 2010, logo após o aniversário de nove anos da ME, e destacado em suas páginas por meio do selo “TdF”, o grupo é uma novidade na trajetória da revista em termos de interatividade e proximidade com o leitor. Conhecida por estabelecer distintas formas de contato com seus leitores, a grande maioria por meio da Internet, a publicação nunca tinha selecionado um grupo específico de leitores para atuar com regularidade na formulação de parte de seu conteúdo. Portanto, torna-se interessante

observar a maneira como a identidade desses leitores é representada na publicação durante o período de participação.

O *objetivo geral* desta pesquisa é compreender como é representada a identidade do leitor da “Turma do Fundão” na revista Mundo Estranho. Os objetivos específicos são: a) mapear os espaços destinados pela revista para a participação dos leitores que compõem o selo “Turma do Fundão 2010”; b) identificar as características dos candidatos a “Turma do Fundão 2011” elencadas no blog da promoção durante o processo de seleção; e c) analisar a construção da identidade do leitor sob o ponto de vista institucional, observando os editoriais e informações da editora.

O *corpus* deste trabalho compreende, então, os conteúdos identificados com o selo “TdF” em um período de 11 meses, de outubro de 2010 a agosto de 2011; os materiais postados no blog “Turma do Fundão” entre julho e agosto de 2011 – período de seleção da segunda “TdF”; as cartas da diretora de redação Patricia Hargreaves, publicadas entre setembro de 2010 e setembro de 2011; e os conteúdos publicados no site do Núcleo Jovem da Editora Abril que se referem à “Turma do Fundão”. A metodologia escolhida para desenvolver esses objetivos foi a análise de conteúdo.

O trabalho está organizado em três capítulos, como discutimos a seguir: o primeiro capítulo discorre sobre a formação da identidade na modernidade, a partir de conceitos trazidos por Hall (2006) e Castells (1996). O sujeito, entendido como possuidor de uma identidade fragmentada, se relaciona, na contemporaneidade, de outra forma com o mundo nas mais diferentes atividades, incluindo a leitura. Assim, esse mesmo capítulo apresenta uma reflexão teórica sobre os diferentes tipos de leitores, suas relações com as tecnologias de leitura (SANTAELLA, 2004) e a forma como esses sujeitos fragmentados se relacionam com o ato de ler, a partir do pensamento de Roger Chartier (1999, 2002).

No segundo capítulo, retomamos brevemente a trajetória do jornalismo em busca do movimento de construção e propagação das revistas. Publicações segmentadas e próximas do leitor, as características das revistas são descritas, com base em Mira (1997) e Scalzo (2004). Em seguida, são levantadas questões como a participação do leitor e o discurso apresentado por essas revistas.

A análise propriamente dita encontra-se no capítulo 3, onde também é feita uma descrição da revista Mundo Estranho e, em específico, da “Turma do Fundão”, objeto desta pesquisa. Dividida em três partes, de acordo com os objetivos específicos, a análise se

desenvolve com foco na forma como a marca “TdF” aparece na publicação e que representações sobre os membros da turma são construídas a partir dessa participação. Por fim, apontamos algumas conclusões gerais e propomos possibilidades de avanço nos estudos sobre a “Turma do Fundão”.

2. IDENTIDADE E FRAGMENTAÇÃO NA MODERNIDADE TARDIA

O início de uma discussão sobre identidade pode partir da ideia de que nos desenvolvemos como sujeito único em um mundo estático. No passado, essa noção parecia ainda mais facilmente observável, visto que os sujeitos contavam com menos formas de comunicação, um grau maior de dificuldade de locomoção, acesso restrito ao conhecimento e, também, menor possibilidade de ascensão social. Por essa noção de um mundo social mais estático, também é possível acreditar que as pessoas acabavam se tornando mais enraizadas, fixas. Escolher a profissão, começando por um exemplo simples, poderia significar, muitas vezes, seguir um projeto familiar bem definido e, possivelmente, desenvolvê-lo durante toda a vida, sem uma possibilidade real de mudança. No caso das mulheres, muitas vezes casar também representava filhos, trabalho árduo e quase nenhuma escolha por longos anos. Os papéis eram muito bem estabelecidos e os sujeitos, unificados (HALL, 2006). O que poderia ser feito, o que não poderia ser feito ou o que jamais seria feito: tudo parecia estar muito claro nesse local único.

Pensando no contexto social em que os indivíduos estavam inseridos, é possível relacionar, ainda, que pequenas atividades de convívio social (seja na família ou em comunidade) e diferentes decisões acabavam por ser mais restritas. Os limites, estabelecidos por uma série de fatores que ainda hoje são ativos nas decisões tomadas na nossa sociedade, eram mais claros e, em certa medida, possuíam um caráter mais definitivo. Classe social, sexo, gênero, idade, cor de pele, poder e conhecimento são bons exemplos de norteadores do desenvolvimento de diferentes atividades na vida social.

Ainda assim, e contrariando essa percepção mais estática do mundo e mesmo do sujeito, podemos considerar

[...] por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas (CASTELLS, 1996, p. 22).

Nessa perspectiva, a pluralidade de identidades está presente no sujeito desde as atividades cotidianas até decisões consideradas de maior porte. Podemos considerar, ainda, que esses diferentes papéis sociais de um mesmo sujeito reflitam em suas opiniões e em seus posicionamentos em situações controversas, uma vez que existem mais referências e, dessa forma, mais elementos contribuindo para a construção do sujeito. Quando partimos da ideia de identidades mais estáticas, é possível imaginar que mesmo em situações contraditórias, as respostas e ações de grande parte das pessoas se mantivessem dentro do esperado pelos fatores dominantes como classe social, etnia ou idade.

A proposta aqui não é sustentar que tudo isso se inverteu em um curto período de tempo. O que se deseja pensar é que os sujeitos, antes conceitualmente vistos como unificados, começaram a fragmentar-se na chamada “modernidade tardia” (HALL, 2006). Se consideramos que os sujeitos ocupam diferentes papéis sociais, em diferentes circunstâncias, e que essas atividades formam identidades distintas, cada dia menos fixas, devemos considerar mudanças em algumas perspectivas e análises. Assim, comportamentos, escolhas e posicionamentos afastam-se, gradativamente, da relação mais óbvia e direta da unicidade. Uma vez que a “diferença” é uma característica da sociedade de hoje, antagonismos sociais e divisões acabam por produzir uma variedade grande de posicionamentos que, como já dissemos, se aproximam do contraditório. Para Castells (1996), uma palavra apropriada nesse contexto seria “tensão”. Stuart Hall relembra, no entanto, que é preciso encarar essa proposta de mapear a noção de sujeito moderno como um *dispositivo*, “a ideia de que as identidades eram plenamente unificadas e coerentes e que agora se tornaram totalmente deslocadas é uma forma altamente simplista de contar a história do sujeito moderno” (2006 p. 24). Isso significa que realizar esse mapeamento é algo complicado, mas a sua proposta é desenhar um quadro aproximado de como o sujeito moderno teria se modificado ao longo do tempo.

Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silveiras (2003) definem identidade como uma concepção de si mesmo: valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está efetivamente comprometido. É assim que se define, então, quem é a pessoa, quais são seus

valores e quais caminhos deseja seguir na vida. Por isso, fatores intrapessoais (capacidades inatas do indivíduo e características adquiridas da personalidade), fatores interpessoais (identificação com outras pessoas) e fatores culturais (valores sociais a que a pessoa está exposta) influenciam na formação de uma identidade. É na adolescência, afirmam as autoras, que grande parte dessa identidade pessoal é construída.

Castells, por outro lado, reforça a importância de se distinguir o conceito de identidade daquilo que os sociólogos afirmam ser “papéis”, os chamados papéis sociais.

Papéis (por exemplo, ser trabalhador, mãe, vizinho, militante socialista, sindicalista, jogador de basquete, frequentador de uma determinada igreja e fumante, ao mesmo tempo) são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade (1996, p. 22).

A importância desses papéis só é determinada pela relação estabelecida entre os indivíduos e as organizações. Por outro lado, as identidades constituiriam fontes de significados para os próprios atores, que têm origem nos sujeitos e que são contruídas através de um processo de individualização (CASTELLS, 1996). De forma resumida, as identidades organizariam os significados e os papéis, as funções do sujeito na sociedade.

Um caminho interessante para compreender as identidades contraditórias da modernidade é o caso relatado por Hall (2006): ansioso por retomar a maioria conservadora da Suprema Corte americana em 1991, o então presidente George Bush, indica um juiz negro e conservador, Clarence Thomas, para a Suprema Corte americana. A estratégia do presidente era conquistar o maior apoio possível dos eleitores, tanto dos brancos, que se identificariam com seu conservadorismo ideológico; quanto dos negros, que apoiariam sua liberdade em questões de etnia, devido ao tom da pele. No meio do caminho, porém, uma ex-colega do jurista o acusa de estupro e o resultado é um grande “jogo das identidades” quando o assunto é apoiar ou repudiar Thomas pelo provável assédio sexual.

A questão da culpa ou da inocência do juiz Clarence Thomas desloca e cruza posicionamentos identitários. Ao invés das mulheres negras posicionarem-se, em sua totalidade e em razão do tipo de acusação, contra o juiz, houve divisão entre elas por uma proximidade com a etnia. Algumas o criticaram, pois se aproximaram do conceito hegemônico de mulher, que não admite estupros. As mulheres brancas também se dividiram, pois o conservadorismo e o feminismo estavam presentes na discussão. Aos homens, coube uma separação semelhante, no movimento de posicionamento em relação à

acusação alguns se identificaram com a história conservadora do magistrado, enquanto outros o repudiaram por sua cor. Os posicionamentos não foram, portanto, singulares, uma vez que não havia uma característica única e abrangente. Hall esclarece tal fato da seguinte forma:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (2006, p. 21).

O teórico ainda aponta conceitualmente três sujeitos que representariam concepções distintas de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. O primeiro seria, conceitualmente, um sujeito centrado, unificado, cujo eixo principal emergiria no momento do nascimento. Mesmo se desenvolvendo durante o crescimento, esse núcleo central permaneceria contínuo ao longo da vida do sujeito do Iluminismo, na maioria das vezes descrito como masculino. O sujeito sociológico, por outro lado, teria um núcleo interior formado nas relações vividas com pessoas consideradas por ele como importantes. São essas relações as responsáveis pela concepção de valores, símbolos e sentidos do sujeito. Dessa forma, sua identidade seria formada na “interação” entre o eu e a sociedade. Esse modelo reflete, por isso, a complexidade do mundo moderno.

Por fim, Hall define o sujeito pós-moderno como o ser que não tem uma identidade fixa, ou seja, uma verdadeira “celebração do móvel” (2006, pg. 11). Para ele, isso não se deve apenas a uma simples “mudança de lugar das coisas”, ou seja, dos lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. O sujeito que, teoricamente, viveu com uma identidade unificada e estável, agora está se fragmentando, convivendo com várias identidades. Nesse mesmo processo, as paisagens sociais que estavam do “lado de fora” e que colaboravam para uma conformidade subjetiva alinhada às necessidades objetivas da cultura também se modificam por diferentes fatores. “O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (2006, p. 12). Esse processo acaba por fazer com que a identidade seja continuamente transformada, sendo definida por fatores socio-históricos e, não, biológicos. Por fim, o autor afirma que a noção de identidade é uma mera construção, uma vez que identidades unificadas, seguras e coerentes em sua totalidade não passariam de uma fantasia.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque contruímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (HALL, 2006, p. 13).

O autor explica, também, que o processo ao qual essas identidades foram submetidas, na chamada modernidade tardia, aproximaria-se mais de um deslocamento do que de uma desagregação: uma série de descentrações foram fundamentais para esse novo sujeito cartesiano. A primeira delas estaria ligada ao pensamento marxista¹, que teria colaborado para o deslocamento da ideia de sujeito da noção de individual. Como as relações sociais (modos de produção, exploração da força do trabalho, os circuitos do capital) estavam no centro, e não uma noção abstrata de homem, o pensamento teórico marxista tensionou o deslocamento das seguintes preposições-chave da filosofia moderna: de que há uma essência universal de homem e de que essa essência é o atributo de “cada indivíduo singular”. Hall (2006) sustenta que com a queda desses dois postulados, tidos como complementares e indissolúveis, Marx rejeita a essência do homem em sua base teórica e, também, esse sistema orgânico de postulados, provocando o que pode ser considerado uma revolução teórica sob o aspecto econômico, ético, filosófico e histórico. É um modo de pensar que se posiciona do lado oposto às teorias que derivam seu raciocínio de noções de essência universal do homem, centrada no sujeito individual.

O segundo desses descentramentos do pensamento ocidental do século XX, apontados por Hall (2006), vem da “descoberta” do inconsciente por Freud. A proposta teórica de que identidades, sexualidade e estrutura de desejos são formadas em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente contribui para o deslocamento do conceito do sujeito racional com identidade fixa e unificada.

Por outro lado, Hall (2006) discute que pensadores psicanalíticos como Jacques Lacan, ao analisar o trabalho de Freud, afirmam que essa ideia de um “eu” inteiro e unificado é aprendido pela criança gradualmente. Com o passar do tempo, sentimentos contraditórios e não-resolvidos aparecem, sendo aspectos importante na formação do inconsciente, e acabam por deixar o sujeito “dividido”. Neste ponto, então, estaria a origem contraditória da identidade. Isso porque mesmo partido ou dividido, o sujeito vivencia sua

¹As teorias desenvolvidas por Marx são, em linhas gerais, uma crítica ao capitalismo e ao desenvolvimento de suas sociedades. A partir de uma concepção materialista da História, o teórico estudou o conceito de “trabalho” e desenvolveu sua compreensão a partir da noção de dialética.

identidade como unificada e “resolvida”, o que reforça o conceito de que as identidades são formadas ao longo do tempo, através de processos inconscientes, distantes da ideia de algo inato e existente desde o nascimento. “Assim, em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento” (HALL, 2006, p. 39).

Já o terceiro descentramento analisado por Hall (2006) está relacionado à linguagem, à nossa expressão, uma vez que a língua é considerada um sistema social, não individual. Ao analisar o trabalho do linguista estrutural Ferdinand de Saussure, que defende o conceito de que as palavras não são únicas, pois detêm mais de um significado, Hall reforça que o falante individual não pode fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado de sua própria identidade.

Conforme salienta Hall (2006), o francês Michel Foucault, em uma série de estudos onde analisa o sujeito moderno, destaca um tipo de poder que se preocupa, em primeiro lugar, com a regulação de populações e, em segundo, com o indivíduo. Dessa forma, Foucault se torna o quarto descentramento analisado por Hall. O objetivo do “poder disciplinar”² desenvolvido pelo teórico francês é manter as atividades cotidianas do indivíduo sob constante disciplina. A análise de Hall dá conta de que quanto mais coletiva e organizada for a natureza das instituições da modernidade tardia – no caso, pela disciplina – maior poderá ser o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito.

Já o quinto e último descentramento proposto por Hall (2006) trata do impacto do feminismo, movimento que é parte de uma série de outros movimentos sociais que emergiram a partir da década de 1960. Seus questionamentos sobre a noção clássica de público e de privado, além da abertura de discussão para temas de uma nova vida social como a sexualidade e o trabalho doméstico, contribuíram para a compreensão desse descentramento do sujeito. Ao questionar a forma como somos formados, o feminismo também politizou a subjetividade e a identidade. “Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero” (HALL, 2006, p.46).

² Desenvolvido nos estudos de Michel Foucault, esse conceito se preocupa com a regulação da espécie humana ou de populações em primeiro lugar. Somente em segundo lugar, está a vigilância sobre o corpo e o indivíduo. Instituições como oficinas, quartéis, escolas, prisões e hospitais, que disciplinam populações são locais onde, para o autor, o conceito pode ser observado (HALL, 2006).

Dessa forma, podemos pensar que a sociedade está exposta a uma série de descentramentos ao longo do tempo, intensificados durante o século XX. Esse processo contínuo de descentralização, trazido por pensadores como Hall (2006) e Castells (1996), muda a forma como os sujeitos se relacionam consigo mesmos e com suas escolhas e, ainda, estabelece um conceito de identidade fragmentada. Mais abertos a múltiplas e, por vezes, contraditórias escolhas, os sujeitos fragmentados também podem estar expostos a um número ainda maior de exigências. Acompanhando o desenrolar dos conceitos de Hall e, a partir dessa perspectiva de identidade, procuramos discutir a seguir algumas dessas exigências e algumas das mudanças que se desenvolvem numa sociedade menos estática que abriga sujeitos multifacetados.

2.1 As novas identidades no contexto social

Partindo do conceito estabelecido por Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silveiras (2003) é possível pensar que a ideia de fragmentação levantada por Hall está muito ligada com a constituição do “ser”, do homem e da mulher moderna. Entendemos que essa constituição do ser não se define na adolescência e permanece imutável ao longo dos anos. Ao contrário, aos 18 anos se espera algo da vida, aos 25 outra coisa e, aos 40 ou 50, ainda há tempo para mudar. E isso é válido para diferentes áreas da vida, tanto para a carreira profissional quanto para os relacionamentos amorosos ou, ainda, para o desenvolvimento de habilidades artísticas, por exemplo. Esse processo de construção de identidades parte da história, da geografia, da biologia e do conjunto de instituições sociais e é processado pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades que reorganizam os significados levando em consideração tendências, projetos culturais e sua visão de tempo e espaço (CASTELLS, 1996).

O entendimento sobre “ser alguém” hoje não implica em um resultado tão óbvio estabelecido por somente uma parcela da sociedade, seja ela qual for. As mulheres não são apenas mães e os homens não são mais apenas os provedores, responsáveis por uma família. Seus papéis crescem e se multiplicam junto de suas identidades. Seus *hobbies*, suas preferências e suas escolhas, desta forma, também estão amplificados. É possível pensar de forma semelhante quando se fala de jovens, crianças ou idosos.

Em um estudo sobre a relação da publicidade com os sujeitos, Costa e Hennigen (2009) afirmam que os modos de subjetivação também foram alterados. Agora, as configurações sociais e os discursos tomados como verdade em determinado tempo e espaço social seriam determinantes para o processo de subjetivação, quebrando a ideia de um sujeito prévio e estático. Esse conceito aproxima-se da ideia de identidade fragmentada trazida por Hall (2006). Desse modo, as posições do sujeito seriam plurais e dinâmicas, o que explicaria a ideia de um conceito atemporal de adolescência, por exemplo. Para eles, ser adolescente não é estar inserido em uma faixa etária específica, vivendo um processo de transição da infância para o mundo adulto. Os pesquisadores defendem, ao contrário, que a adolescência não é um momento cronológico natural, mas, sim, um processo com existência e valor construídos socialmente.

Assim, como a adolescência não está marcada cronologicamente, Santos e Moreira (2008) defendem que o sujeito fragmentado também perdeu, de alguma forma, seu sentido de pertencimento nas instituições mais tradicionais, que já foram salões, cafés, igrejas ou associações. O resultado seria uma representação em novos lugares como, na opinião das autoras, a televisão, meio que propaga formas simbólicas. Os novos locais onde os sujeitos fragmentados constroem seus valores, especialmente a televisão, são o foco de análise das autoras. Seguindo essa definição, podemos entender que revistas, jornais, portais de informação e de entretenimento, blogs e redes sociais também propagam formas simbólicas e podem, então, ser considerados novos lugares de representação desse sujeito moderno. Uma vez aberto a muitas possibilidades, é possível crer, ainda, que o homem e a mulher de muitas identidades se sentem parte de várias instituições, tradicionais ou não.

Além de analisar instituições, Hall (2006) entende que as identidades nacionais também estão em trânsito. As características de uma nação e de seus cidadãos - espaço tradicional de identificação - são sentidos contruídos e cada vez mais mesclados. Parte disso se deve à globalização e aos processos migratórios. Com eles, é possível encontrar um restaurante indiano no centro de uma cidade inglesa. Ao mesmo tempo, é possível ter nascido na Inglaterra, mas decidir morar na Índia seguindo a cultura e as tradições locais. “Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural” (HALL, 2006, p. 49).

Em seguida, o autor conclui que a identidade nacional não passa de uma “comunidade imaginada” (HALL, 2006, p. 51). A cultura, fluída, também possui uma

identidade imaginada que está próxima da nacionalidade. A reflexão do autor vai além e é possível pensar que grande parte das instituições da nossa sociedade é, de uma forma ou de outra, imaginada.

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não são literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial (HALL, 2006, p. 47).

Quando o teórico jamaicano desconstrói a ideia de nação, sujeito nacional e cultura nacional, também reforçando as diferentes relações estabelecidas entre culturas de locais distintos, a possibilidade de uma “verdadeira natureza das coisas” existir é reduzida. Pouco há de natural e muito há de construído naquilo que nos cerca. A facilidade de transição, o aumento das trocas e a globalização aceleraram, de diferentes maneiras, esse processo na chamada modernidade tardia. Mesmo que as identidades nacionais mantenham uma certa força, nesse contexto, quem ganharia ainda mais *status* seriam as identidades locais e regionais. Ao concluir sua análise, no entanto, Hall (2006) afirma que os deslocamentos são variados e contraditórios, fazendo com que o resultado distancie-se do óbvio.

Por outro lado, Souza (2006), em um estudo sobre a identidade e a sociabilidade da cultura *hip hop*, afirma que a vida em grandes metrópoles trouxe problemas inerentes às novas formas de sociabilidade. A fragmentação em grupos que originou as diferentes tribos urbanas seria um deles. Incentivados pela globalização, uma nova relação entre cultura local e cultura global se estabelece. O largo alcance a essa “cultura global” intensificaria, na opinião da autora, as diferenças entre as identidades dessas tribos e, conseqüentemente, desses sujeitos. Além das tribos visíveis nas ruas das metrópoles, como os membros do próprio *hip hop*, é possível pensar em outras formas de agrupamento, principalmente por meio da internet. Além disso, as comunidades imaginadas (HALL, 2009) são infinitamente maiores e, entre elas, podemos encontrar a comunidade dos leitores, alvo de nosso estudo mais a frente.

Independente da presença em grupos ou não, é possível analisar as exigências que existem hoje sobre o sujeito (FERREIRA, 2009): é preciso exercitar-se, ganhar dinheiro para garantir um futuro, estar belo e adquirir os símbolos de consumo do momento. Considerando que as identidades estão fragmentadas, esse número alto e diverso de

exigências colabora para um estado de múltiplas necessidades/deveres. Em uma sociedade em que todos são pressionados a, de acordo com Ferreira, ir em busca do pote de ouro (2009, p. 16), o prazer e a responsabilidade se alternam.

[O sujeito] dorme em um mundo e acorda em outro, em que muitas coisas já se modificaram, em que seu computador já está ultrapassado, sua dieta já não é a mais saudável, e o seu comportamento, não o mais eficiente. As regras metamorfoseiam-se com a velocidade e fluidez típicas do espírito humano (FERREIRA, 2009, p. 16).

A autora ainda reforça que no mundo contemporâneo, grande parte dos julgamentos e da adição de valor são feitos a partir do olhar da aparência física. Por isso, os ideais de longevidade e juventude ganham força.

A fragmentação – embora libertadora - quando aliada a diferentes exigências acaba por desenvolver uma aflição nos indivíduos (FERREIRA, 2009). Responsabilidade, controle, superação, exagero, irresponsabilidade e conformidade estão entre as dúvidas do sujeito de hoje. Tudo é possível, segundo a autora, mas, ao mesmo tempo, as decisões não estão livres de consequências. O resultado é uma sequência de crises de identidade, hoje muito comuns, já que “[...] quando o indivíduo busca a si mesmo, ele encontra um ser multifacetado e de difícil definição” (FERREIRA, 2009, p. 19).

Como já salientamos, a perspectiva de uma sociedade constituída de forma fragmentada e com sujeitos que têm identidades também fragmentadas (HALL, 2009) propicia o desenvolvimento de comunidades imaginadas. Nesses locais abstratos, traços comuns entre diferentes identidades se encontram. Um bom exemplo disso são os leitores, membros de uma comunidade imaginada que carrega o ato de ler e o desenvolvimento da leitura em seu cerne. É a partir dos leitores que prosseguiremos nossa discussão na tentativa de mapear traços das identidades desses sujeitos que leem.

2.2 O ato de ler e o leitor na sociedade moderna

É possível pensar que a multiplicação de canais de acesso à informação e ao entretenimento colabora, de alguma forma, para o reforço dessa fragmentação que até aqui procuramos refletir. O cidadão que, ainda recentemente, teve sua identidade representada pelo rádio, pelo jornal impresso ou pela televisão, hoje enxerga todas as mídias ao seu

alcance em um suporte com tela, seja ele um computador, um *tablet* ou um celular. O que ele lê, assiste ou ouve é, assim como sua identidade, diverso. Em um mesmo dia é possível reconhecer-se em uma história ouvida, escrita, gravada, lançada nas redes sociais ou, ainda, em um painel eletrônico na rua. No outro, esse mesmo sujeito pode se encontrar em um livro, um dos mais antigos e tradicionais suportes de escrita. Essa multiplicidade de locais de acesso à leitura vai de encontro à noção de um sujeito que tem identidade múltipla. Por isso, entendemos que os interesses desses leitores fragmentados em uma sociedade que também passa por mudanças devem ser analisados para que se possa conhecer melhor essa comunidade imaginada de leitores.

A partir de uma perspectiva cognitivista, Kleiman (2008) afirma que a compreensão de textos envolve diferentes processos cognitivos, o que esclareceria o fato de ser chamada de “faculdade”, conjunto de processos, atividades e recursos mentais ligados ao ato de compreender. Por outro lado, defende que a leitura é um ato social, uma interação entre dois sujeitos, leitor e autor, que obedecem a objetivos e necessidades determinadas socialmente. A primeira questão destacada pela autora para que a compreensão de um texto seja efetiva é o conhecimento prévio. Diversos níveis de conhecimento, do linguístico e textual até o conhecimento de mundo, ou seja, aquilo que o indivíduo viveu, interagiriam para que o leitor compreendesse o que está lendo. Então, ao percebermos o sujeito com uma identidade plural entendemos que se expandem, ainda mais, as suas possibilidades de compreensão e interpretação por meio da leitura. Para Kleiman (2008), como a leitura é um processo cognitivo, não pode ser completamente ensinado. Compreender como ele se dá, no entanto, é uma forma interessante de desenvolver técnicas eficazes e novas oportunidades de leitura.

Especialista no estudo da história do livro e da leitura, Chartier (1999) defende que o ato de ler subentende apropriação, invenção e produção de significados. O leitor é, para ele, alguém liberto. Podemos entender que, além disso, o leitor que acompanhamos é um sujeito com interesses múltiplos. Independente do sentido proposto pelo autor ou pelo editor, ele não guarda totalmente seu primeiro significado quando lê. “Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor” (CHARTIER, 1999, p. 77).

Ao desenvolver o tema, no entanto, o autor afirma que essa liberdade do leitor é limitada, variando de acordo com diferentes aspectos, que vão desde as capacidades do

indivíduo, passando pelas convenções sociais e os hábitos que caracterizam determinada época. Para exemplificar essa afirmação, Chartier retoma parte da história da leitura. O silêncio obrigatório nas bibliotecas universitárias na Idade Média, que exigiam um comportamento específico para o ato de ler é um começo. Mais tarde, no século XVIII, o desenvolvimento de clubes de leitura em que os regulamentos previam que o lugar destinado à leitura fosse separado de outras atividades tidas como mundanas, como beber, conversar e jogar. Porém, é também a partir do século XVIII que os leitores começaram a ser retratados em pinturas e gravuras lendo ao ar livre, na cama ou andando. Seus antecessores liam no interior de um gabinete, sentados e imóveis. No momento em que os jornais alcançam uma maior distribuição, eles também passam a ser retratados como uma leitura mais irreverente, em que o objeto pode ser dobrado, carregado e lido por muitos. Acompanhando esse sujeito com identidade fragmentada que se identifica em diferentes locais, existem hoje inúmeros suportes adequados para a leitura nos mais diversos ambientes. Podemos considerar, então, essa noção de liberdade do leitor como algo ligado com a época em que o sujeito vive tem na sociedade moderna um momento de grande expansão.

Talvez por isso, Chartier (1998) queira analisar a transformação da leitura pelo suporte que a materializa. E os novos suportes permitem uma maior quantidade e diversidade de usos, manuseios e intervenções o que é próximo do sujeito que analisamos, também diverso em suas escolhas. Tudo é mais numeroso e inventivo agora, ainda que um determinado grau de intervenção já existisse no livro tradicional.

No livro em rolo, como no códex, é certo, o leitor pode intervir. Sempre lhe é possível insinuar sua escrita nos espaços deixados em branco, mas permanece uma clara divisão, que se marca tanto no rolo antigo como no códex medieval e moderno, entre a autoridade do texto, oferecido pela cópia manuscrita ou pela composição tipográfica, e as intervenções do leitor, necessariamente indicadas nas margens, como um lugar periférico com relação à autoridade (CHARTIER, 1998, p. 88).

Agora o leitor pode interferir no coração, no centro das publicações. O que antes era sagrado e supunha uma autoridade tem em outro suporte material uma espécie de confusão entre leitor e autor e, ainda, entre autoridade e apropriação. Nesse momento, no entanto, Chartier (1998) mantinha dúvidas sobre como os leitores desenvolvidos a partir de telas se relacionariam com os livros, com a leitura e, também, com essa interatividade.

Essa relação de interação fica ainda mais clara quando pensamos em jornais e revistas, publicações que se apropriaram rapidamente de algumas das possibilidades de interação propostas pela web. O leitor pode ser repórter, fonte, conselheiro ou, ainda, fotógrafo e isso não se desenvolve ao acaso. Esse leitor é, como discutimos até aqui, um sujeito diferente, múltiplo. Arraigado nos mais diversos paradigmas ele se permite, de alguma forma, transitar entre papéis sociais. Não vamos falar aqui das questões de mediação presentes nessas novas relações, mas, principalmente, salientar os diferentes papéis e a quebra do que até então poderíamos considerar como barreiras. Embora teóricos sempre ligassem a leitura com liberdade, é inegável que o nível de abertura é, hoje, muito superior ao desenvolvido anteriormente.

Diante dos novos suportes, das provocações que surgem com eles e de um novo sujeito, agora múltiplo, Santaella (2004) propõe recuperar a história da leitura e os tipos de leitor de cada época, estabelecendo três categorias com características distintas. Também com um viés cognitivista, a autora quer perceber quais disposições e habilidades estão surgindo no contexto do leitor hipermidial, ou seja, na chamada modernidade tardia que discutimos até aqui.

Ao remontar o caminho da leitura para então alcançar o perfil desse leitor, a teórica reforça o conceito de que ler não é apenas decifrar palavras. As relações da palavra com a imagem, o desenho, o texto e a diagramação estão cada dia mais fortes. As publicações, sejam elas de que origem, reforçam, cada vez mais, a importância da leitura do visual. Nos grandes centros urbanos, o escrito também está nas ruas, como nos sinais de trânsito, em cartazes e em tantos outros momentos em que o ato de ler torna-se algo “automático” e quase imperceptível. Por isso, também, que o conceito de leitura deve ir além do simples decifrar um alfabeto, acompanhando esse alargamento moderno. Ler também é uma atividade múltipla e que carrega diferentes papéis sociais.

Sem tomar como base os diferentes tipos de linguagens e, sim, as habilidades sensoriais perceptivas e cognitivas envolvidas no ato de ler, Santaella (2004) apresenta seus três tipos de leitor, com ressalvas: embora a sequência em que apareçam esteja ligada à história, um tipo de leitor não exclui o outro nem o surgimento de um leva ao desaparecimento do anterior, pelo contrário, a lógica parece ser cumulativa. Esse acúmulo de características, ações e diferentes percepções é algo que Hall (2006) acredita que transforma não somente os sujeitos, mas as relações sociais que esses indivíduos

estabelecem entre si. Em uma sociedade com sujeitos fragmentados, assumindo diferentes papéis, inclusive no momento dedicado à leitura, muitas vezes, as escolhas e os posicionamentos aproximam-se do contraditório. Os diferentes tipos de leitor são um bom exemplo disso, pelo simples fato de que não estão em lados opostos, mas próximos um do outro, mesmo que guardem características distintas.

O primeiro leitor trazido por Santaella (2004) seria o contemplativo. Natural da era do livro impresso, ou seja, da idade pré-industrial, esse leitor nasce no Renascimento e é hegemônico até meados do século XIX. De forma resumida, o primeiro tipo de leitor é aquele que mantém objetos e signos duráveis, imóveis e localizáveis, das pinturas e gravuras até os mapas e as partituras. Ele é quem mantém livros na estante, à altura das mãos e do olhar. Contempla e medita, sem ser movido pelas urgências do tempo. Ou seja, é o leitor apaixonado, obstinado. Mesmo assim, a autora reforça que “embora a leitura da escrita de um livro seja sequencial, a solidez do objeto livro permite idas e vindas, retornos, re-significações” (SANTAELLA, 2004, p. 24).

Em contrapartida, o segundo leitor tem em sua raiz o movimento, o mundo híbrido, cheio de misturas e dinamismo. Chamado pela teórica de “homem da multidão”, esse tipo de leitor se desenvolve após a Revolução Industrial, onde os grandes centros urbanos cheios de signos já estão presentes, nascendo junto com a explosão dos jornais. É um leitor apressado, que utiliza linguagens efêmeras e misturadas, se ajustando aos diferentes ritmos de atenção. É o leitor que se encontra no jornal, considerado pela autora o primeiro grande rival do livro (SANTAELLA, 2004). Ele lê fragmentos, em notas curtas e fotos, descobre o que está ocorrendo a sua volta e, em seguida, esquece.

Já o terceiro e último leitor apresentado por Santaella é o que surge nos novos espaços da virtualidade, o leitor imersivo. Seu suporte é multimídia, está ao alcance de um clique, e sua linguagem, hipermídia. Por um lado, esse leitor é mais livre, pois pode escolher nexos e buscar as direções e as rotas que deseja. É um modo totalmente novo de desenvolver o ato de ler, baseado na navegação em tela, com uma infinidade de signos disponíveis. A autora define:

Não é mais tampouco um leitor contemplativo que segue as seqüências de um texto, virando páginas, manuseando volumes, percorrendo com passos lentos a biblioteca, mas um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num projeto multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeo e etc (SANTAELLA, 2004, p. 33).

Não se faz necessário pensar, como reforçou a teórica, na substituição dos tipos de leitores. Muito menos, em qual leitor caracterizado por ela cada um de nós se encaixa. A tendência à multiplicidade de capacidades e, assim, de leitores é cada vez maior. O sujeito moderno também é fragmentado no momento que lê. Não é apenas contemplativo, nem somente imersivo ou movimentado. Ele consegue ser rápido e seletivo nas redes sociais e mais lento e linear ao ler um romance. Ao mesmo tempo, também assimila os signos da cidade em que vive e das que pode visitar, de forma presencial, ou, ainda, através de ferramentas como os mapas via satélite *online*. Podemos reforçar ainda que a característica de multiplicidade desse leitor não está, como vimos até aqui, ligada a uma única faixa etária ou segmento social. Uma vez que as diversas identidades do sujeito se refletem, também, na forma como a sociedade moderna e globalizada se organiza, com intercâmbio de pessoas, grupos e culturas (HALL, 2006).

O novo leitor, sujeito fragmentado, muito provavelmente não se encaixa em apenas um aspecto dos tipos divididos por Santaella. Mesmo assim, é importante refletir sobre as características e o contexto de cada um que se conecta com os conceitos construídos até aqui. É com eles que se consegue analisar as formas de leitura que encontramos hoje, em diferentes suportes e formatos, com a participação mais ativa de um novo sujeito leitor. A nova relação de um sujeito fragmentado com a leitura – e as consequências disso – é o que aprofundaremos a seguir.

2.3 A leitura de um sujeito fragmentado

A nova forma de construção dos sujeitos que tem o múltiplo como personagem central tem mudado, aos poucos, a relação entre os sujeitos e o ato de ler. As infinitas possibilidades da sociedade moderna já dão sinais de alterações na comunidade imaginada dos leitores. Ao pensarmos historicamente, as mudanças são ainda mais significativas.

A cultura escrita esteve, séculos atrás, ameaçada pelo temor da perda (CHARTIER, 1998). Textos ameaçados eram procurados, os livros mais preciosos copiados, e isso acabou por desenvolver bibliotecas e as impressões dos manuscritos. A segunda inquietação era o risco de corrupção dos textos. Por isso, a possibilidade de um erro vindo, primeiro dos escribas, depois dos tipógrafos e revisores, era uma verdadeira assombração

para os autores. O terceiro e atual risco é o excesso de escritos, que necessitam ser triados, classificados e hierarquizados. Cada dia mais, porém, a função de classificar os escritos está na mão dos próprios leitores, sujeitos que agora mantêm identidades e desejos descentrados. A relação dos leitores com seus objetos de leitura começa, então, a transformar-se.

Pesquisas realizadas na França no início da década de 1990 indicavam uma mudança nas práticas de leitura, principalmente entre os mais jovens. Os dados trazidos por Chartier (2002) dão conta de que o número de leitores reduziu-se em cada faixa etária, mas, particularmente, na dos 19 aos 25 anos. Outra ênfase da pesquisa, no entanto, afirmava que a frequência às bibliotecas universitárias aumentara em cerca de 70% entre 1984 e 1990. As bibliotecas, locais que já estiveram próximos do sagrado, considerados única fonte de saber, veem seu espaço se reduzir em uma comunidade que tem novos e diferentes papéis sociais todos os dias. Na mesma pesquisa, os estudantes afirmavam que recorreram primeiramente ao “xerox”, depois às documentações fornecidas pelo curso e, só então, à leitura de obras retiradas em bibliotecas. A faixa etária anterior – entre os 15 e os 19 anos – registrava, na época, o recuo da leitura e do *status* do livro. Para esses jovens, membros de uma comunidade imaginada de leitores com múltiplas identidades, ler não é algo restrito a um ambiente ou uma condição específica. O ato de ler ganha novos papéis e espaços porque as identidades desses leitores também são organizadas dessa forma.

Daí o elo, extremamente paradoxal, estabelecido entre a terceira revolução do livro, que transforma as modalidades de inscrição e de transmissão dos textos como o haviam feito antes a invenção do códex, depois a da imprensa, e a temática obsidiana da “morte do leitor”. Compreender essa contradição supõe olhar para trás e medir os efeitos das precedentes revoluções que afetaram os suportes da cultura escrita (CHARTIER, 2002, p. 106).

Uma das dúvidas levantadas por Chartier é a capacidade desse novo livro, ou dos textos em novos formatos, conquistarem seus leitores. Em seguida, o autor afirma que o novo suporte do escrito não provocará o fim do livro, muito menos a morte do leitor. Ao contrário, uma redistribuição de papéis na chamada “economia da escrita” e uma nova relação, tanto física quanto intelectual com o mundo dos textos poderá ser verificada.

Chartier (2002) afirma que a ordem dos discursos se inverte com as formas eletrônicas, uma vez que é possível encontrar diferentes discursos, ou seja, todos os textos, independente de gênero, em um mesmo aparelho com tela, o computador. A materialidade

não é mais diferenciada e o leitor tem a possibilidade de decidir as formas como deseja acessar determinado escrito, hoje, extensiva aos *e-books*, *tablets* e aparelhos celulares, todos muito próximos, em funções, do computador citado pelo autor. O que denota ainda mais a importância dessas decisões é o fato de que esses sujeitos têm uma identidade fragmentada e, portanto, um número maior de referências para o momento da decisão. Chartier descreve o que ocorre com a influência dessa tecnologia: “[...] torna os textos móveis, maleáveis, abertos, e confere formas quase idênticas a todas as produções escritas: correio eletrônico, base de dados, sites da Internet, livros” (2002, p. 110).

A noção de que falamos de um sujeito múltiplo, altamente exigido e com um poder grande de decisão, inclusive no momento da leitura, reitera questões tratadas anteriormente. As contradições e também os paradoxos que Chartier (2002) faz referência também podem ser consideradas características de uma sociedade moderna, conforme Hall (2006). Uma única bandeira ou posicionamento formal e unificado é algo que tem se reduzido devido aos diferentes processos de descentramento que citamos anteriormente. Esses descentramentos, junto das inovações tecnológicas, também atingiram a leitura e as formas de ler do sujeito moderno. Agora, o sujeito que lê, membro de uma comunidade imaginada, está arraigado em múltiplos parâmetros e desejos, onde as possibilidades de leitura são quase como infinitas, tal qual sua identidade.

3. JORNALISMO, REVISTA E LEITURA

É difícil resumir em algumas linhas, o que é jornalismo. Traquina (2005) se arrisca ao afirmar que, de uma perspectiva poética, o jornalismo é a vida. Da morte ao nascimento, como em uma enciclopédia, a atividade jornalística registra a vida, nas suas mais diversas dimensões. Com o objetivo maior de narrar acontecimentos de forma real, os jornalistas acabam produzindo um grande conjunto de estórias (TRAQUINA, 2005). Para entender melhor como a atividade jornalística se desenvolve – independente do meio que utiliza - cabe remontar ao surgimento dessa atividade. Mais adiante, a revista e suas características estarão no foco da nossa discussão.

O surgimento do jornalismo, no início do século XVII, remonta a um paradigma de texto informativo ligado a um discurso retórico, que era usado pela igreja e pelo Estado (LAGE, 2001). Ao analisar a história do jornalismo na democracia de uma forma mais global, Traquina (2005) observa três vertentes fundamentais de sua organização: a expansão da imprensa no século XIX e dos novos meios técnicos no século XX; a comercialização e o surgimento da notícia como mercadoria no início do século XIX; e a profissionalização dos jornalistas - quando o pólo econômico emerge e as notícias são definidas com valores e normas que as elevam ao papel social da informação.

Quando os primeiros jornais começaram a circular em centros de comércio burguês, a partir de 1906, a atividade detinha-se em divulgar ideias da burguesia. Anos depois, quando a aristocracia também começou a financiar os jornais (LAGE, 2001), as publicações dedicavam um amplo espaço a festas da corte, casamentos ou viagens reais.

Fazer uma publicação nessa época era, antes de tudo, barato. Com uma prensa, tipos móveis, papel e tinta era possível colocar na rua uma tiragem que acabava circulando, na maioria das vezes, entre um mesmo grupo pequeno de leitores. Comerciantes, funcionários públicos e alguns de seus auxiliares liam o material produzido por um único

jornalista que carregava o “publicismo” como grande característica de sua atividade (LAGE, 2001). Mesmo que acontecimentos – como a chegada e a saída de navios – fossem publicados, o que mais interessava para o leitor era o artigo escrito pelo editor. Talvez devido ao tom da escrita desses artigos, próximo ao dos discursos políticos, com uma certa intenção de orientar, esses jornalistas se tornavam uma referência para os leitores que se identificavam com suas opiniões. Quem lia e concordava era devoto, quem discordava repugnava a publicação.

No século XIX, a Revolução Industrial trouxe um crescimento rápido no número de leitores na Europa. Com mais gente morando nas cidades e mais trabalho em posições de comando, que exigiam alfabetização, os jornais aumentaram substancialmente suas tiragens. O surgimento das impressoras rotativas de grande capacidade impulsionou ainda mais esse movimento (LAGE, 2001). Esse contexto e os novos leitores, com um caráter popular muito mais forte, fizeram com que a linguagem das publicações tivesse de se adaptar. Não fazia mais sentido, também, opor burguesia e aristocracia, o que colaborou para tornar os textos mais objetivos. Porém, ao mesmo tempo, os leitores nesse período não financiavam mais as publicações, função exercida anteriormente pela burguesia e pela aristocracia.

Para Briggs e Burke (2002) cada país tem uma data marcante quando se fala de história da imprensa. Na França, o ano é 1881 quando surgiu uma nova lei de imprensa que aboliu algumas restrições e exigências. Por exemplo, antes da nova lei, os jornais franceses deviam depositar dinheiro de caução em caso de serem multados por difamação ou outras ofensas. Na Índia, em contrapartida, uma nova legislação, mais repressiva, era aprovada nessa mesma época. Enquanto isso, na Rússia, a imprensa clandestina estava ligada diretamente com a política (BRIGGS; BURKE, 2002). Independente do país, por volta de 1900, a imprensa se estabeleceu como força social, tendo a impressão gráfica um meio de comunicação básico.

A tecnologia não era o fator dominante. As primeiras folhas de notícias australianas eram escritas à mão, e o jornal Sydney Morning Herald foi fundado em 1831 e publicado diariamente a partir de 1840. Dez anos mais tarde havia jornais em todas as cidades do Canadá. Longe dos centros urbanos e de seus subúrbios em expansão, as florestas estavam sendo abatidas para produzir polpa de madeira (BRIGGS; BURKE, 2002, p. 197).

No final do século XIX, o número de anúncios começou a ser vinculado com a quantidade de pessoas que lia a publicação. Novelas, folhetins e críticas de arte começaram, aos poucos, a aparecer nos jornais que agora representavam uma vida muito mais dinâmica. “O jornal ensinava às pessoas o que ver, o que ler, como se vestir, como se portar – e mais: exibia, como numa vitrina, os bons e, para escândalo geral, os maus hábitos dos ricos e dos poderosos” (LAGE, 2001, p. 15). Os caracteres sensacionalista e educador são marcos dessa fase do jornalismo.

Somente a partir disso é que surge a reportagem e a figura do repórter (LAGE, 2001). Embora o papel dos jornalistas – homens em sua maioria – sempre tenha sido controverso, nessa época essa característica ganhou força (BRIGGS; BURKE, 2002). Ao mesmo tempo, a linguagem oral, falada nas ruas, foi incorporada aos poucos aos textos, junto dos títulos, que ganharam importância ao lado do furo – notícia em primeira mão - descoberta do período.

No fim do século XIX e início do século XX, a indústria jornalística prosperou com a América e a luta pelo furo cresceu de forma avassaladora nesse lado do planeta em específico. E quando a ética na atividade começa a ser discutida surgem os cursos superiores de jornalismo e o desejo de estabelecer formas fixas de se produzir o conteúdo jornalístico (LAGE, 2001). Nessa fase estabeleceu-se, por exemplo, o confronto de fontes para aproximar-se da verdade dos fatos, partindo de um princípio matemático.

A notícia ganhou sua forma moderna, copiando o relato oral dos fatos singulares, que, desde sempre, baseou-se não na narrativa em sequência temporal, mas na valorização do aspecto mais importante de um evento. No caso do texto publicado, essa informação principal deve ser a primeira, na forma de lead – proposição completa, isto é, com as circunstâncias de tempo, lugar, modo, causa, finalidade e instrumento. Deflagrou-se uma campanha permanente contra a linguagem retórica e destacou-se a importância da ética como fator de regulação da linguagem jornalística (LAGE, 2001, p. 19).

Meio século depois, as mudanças citadas por Lage, que incluem, ainda, uma divisão de tarefas, chegaram ao Brasil. “Numa história universal do jornalismo, cada vez mais visível na era da globalização, dois processos fundamentais marcam a evolução da atividade jornalística: 1) a sua comercialização e 2) a profissionalização dos seus trabalhadores” (TRAQUINA, 2005, p. 35). Então, o século XX ficou conhecido por um jornalismo com caráter de jornalismo-testemunho. É nesse momento que a informação

deixa de ser apenas um fator de acréscimo cultural ou de recreação para as pessoas e mais informação passa a ser necessária.

Para o planejamento de qualquer atividade prática – da escolha de carreira profissional a uma compra a prazo, investimento financeiro ou ida a uma casa de espetáculos -, as pessoas necessitam de informações que estão nos veículos de comunicação ou podem ser inferidas a partir do que eles noticiam (LAGE, 2001, p. 21).

Ao longo do século XIX, as revistas, publicações que visam, em linhas gerais, aprofundar assuntos e destinar-se a públicos específicos ganham força e amplitude na Europa e nos Estados Unidos. São essas publicações que enfocaremos a partir de agora.

3.1 Revista, uma publicação diferente

O termo “revista” só surge em 1704 na Inglaterra, embora já houvesse registros de publicações nos mesmos moldes anos antes: “mais que os jornais, menos que os livros”, define Scalzo (2004, p. 19). Com o intuito de informar para um público específico e com mais profundidade, as revistas ganharam espaço no século XIX. O aumento do grau de escolaridade das pessoas acabou desenvolvendo um público que desejava se instruir de uma forma menos profunda que os livros, ainda pouco acessíveis e considerados ícones de uma elite.

Revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos. Possui menos informação no sentido clássico (as “notícias quentes”) e mais informação pessoal (aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática). Isso não quer dizer que as revistas não busquem exclusividade no que vão apresentar a seus leitores. Ou que não façam jornalismo (SCALZO, 2004, p. 14).

Ao mesmo tempo, o avanço no desenvolvimento das gráficas na Europa e nos Estados Unidos, principalmente, fez das revistas o meio ideal para circular várias informações com belas imagens. As notícias do que era considerado um “novo tempo”, de novidades da ciência, encontraram, então, seu lugar. “A revista ocupou assim um espaço entre o livro (objeto sacralizado) e o jornal (que só trazia o noticiário ligeiro)” (SCALZO, 2004, p. 20).

A melhoria nas técnicas de impressão também possibilitou uma maior tiragem o que, conseqüentemente, atraiu anunciantes e reduziu o preço dos exemplares. Dessa maneira, mais gente começou a ler as revistas e o chamado “negócio das revistas”, como parte da indústria de comunicação de massa e parecido com o que temos hoje, começou a nascer (SCALZO, 2004). Diferente dos jornais, as revistas aproximam-se do papel de complementar a educação, de forma muito próxima da ciência e da cultura. Existe, ainda hoje, uma busca por caminhos alternativos e uma preocupação em encontrar sua própria função, seu público e sua linguagem (SCALZO, 2004).

Nascimento (2002) define a revista como uma publicação periódica com temas e formatos variados, melhor tratamento visual em relação aos jornais e, ainda, maior liberdade na estruturação das páginas. Em geral, outra característica marcante é a segmentação do público. Há revistas para mulheres, para homens e outras para adolescentes, se formos citar apenas alguns desses segmentos. Para cada segmento, pode existir, também, uma forma diferente de apresentar a revista.

Um ponto que diferencia visivelmente a revista dos outros meios de comunicação impressa é o formato. Ela é fácil de carregar, de guardar, de colocar numa estante e colecionar. Não suja as mãos como os jornais, cabe na mochila e disfarçada dentro de um caderno, na hora da aula. Seu papel e impressão também garantem uma qualidade de leitura – do texto e da imagem – invejável (SCALZO, 2004, p. 39).

A história da imprensa, e aqui se incluem as revistas, mistura-se com a história econômica e industrial de um país. No Brasil, os primeiros registros dessas publicações são do século XIX, mesmo que nem sempre seja fácil defini-las e categoriza-las, conforme discute Mira (1997). Algumas vezes, essas revistas eram chamadas de “ensaios” ou “folhetos”. Isso ocorreu com a “As Variedades ou Ensaio de Literatura”, considerada a primeira revista do país. Com apenas duas edições – o que ocorreu com outras publicações da época – “As Variedades” não tinha um caráter noticioso, mas, sim, erudito (NASCIMENTO, 2002). Além dos diferentes exemplares, o público leitor, nesta época, também era restrito.

Se lembrarmos que o Brasil vira o século com 84% de analfabetos, o que se aproximava da porcentagem de alfabetizados em países como a França ou a Inglaterra na mesma época, podemos estimar para as revistas um público minúsculo (MIRA, 1997, p. 19).

As características das revistas que já citamos e que conhecemos hoje só começaram a ganhar as páginas brasileiras no século XX, quando os jornais passaram por mudanças estruturais importantes, separando o material literário das notícias. Nesse momento, o anterior caráter erudito e institucional perde espaço para as chamadas revistas ilustradas que traziam, muitas vezes, xilogravuras. Ainda assim, o grande marco brasileiro só vem em 1928 com a criação da revista “O Cruzeiro”, tida como a pioneira da reportagem e que, durante as décadas de 1930, 1940 e 1950, reinou absoluta sobre suas concorrentes (MIRA, 1997). A publicação também é um marco do país quando o assunto é tiragem, já que no começo imprimiam-se cerca de 50 mil cópias, mas no auge, “O Cruzeiro” chegou a ultrapassar a marca de 700 mil exemplares e lançou uma versão em espanhol, exportada para a América Latina. O declínio, no entanto, vem nas décadas de 1960 e 1970, com a queda do grupo Diários Associados, de Assis Chateaubriand, que a produzia.

Em 1952, Adolpho Bloch cria a “Manchete”, revista considerada moderna, com mais fotos, e que alcançou grande popularidade devido à reportagens históricas como a do suicídio de Getúlio Vargas. Mais de dez anos depois, em 1966, a editora Abril lança a revista “Realidade”, conhecida pela abordagem investigativa, que atingiu a marca de 500 mil exemplares e até hoje é também um símbolo de qualidade jornalística. Em 1968, mesmo com restrições impostas pela censura, surge a revista “Veja”, também produzida pela editora Abril, nos moldes da “Life” norte americana. “Veja” lidera o mercado das semanais ainda hoje³. Acompanhando o crescimento da nação a partir da indústria e o aumento do número de leitores, diferentes títulos começam a surgir no mercado das revistas. A segmentação, tida por Scalzo (2004) como característica inerente dessas publicações, avança.

3.2 As revistas e a segmentação

No início da década de 70, as revistas brasileiras dividiam-se, de forma geral, em apenas quatro grupos diferentes: informação geral e entretenimento, introdução e análise de notícias, revistas femininas ou dedicadas a problemas da família e revistas de

³ Dados consolidados de 2010, conforme o Índice Verificador de Circulação (IVC), organizado pela Associação Nacional de Editores de Revistas (ANER), e disponível em: <<http://www.aner.org.br/Conteudo/1/artigo42424-1.asp>>. Acesso em Novembro de 2011.

conhecimentos gerais (NASCIMENTO, 2002). Ou, em quatro classes: informativas, de interesse geral, de interesse específico e especializadas - de acordo, também, com o desenvolvimento do país. Para acompanhar a vida da mulher e também a indústria de eletrodomésticos, surge, em 1961, a revista “Claudia”. Ao mesmo tempo, para acompanhar o desenvolvimento da indústria têxtil, surge a “Manequim” em 1959 e, seguindo o *boom* dos automóveis, a revista “Quatro Rodas” em 1960 (BAPTISTA; ABREU, 2010).

É entre os anos 1970 e 1980, também, que o Brasil começa a perder a referência de identidade na formação de grupos e indivíduos, devido ao enfraquecimento do Estado-Nação (MIRA, 1997), o que leva a uma segmentação da mídia de uma forma geral. Ao mesmo tempo, nesse período, o avanço do marketing colabora para a segmentação do mercado editorial, valorizando identidades explicitadas no consumo (BAPTISTA; ABREU, 2010). Sem um único local de identificação, novas e diferentes revistas começam a surgir, muitas trazidas de outros países, como é o caso da “Playboy” e da “Cosmopolitan”, que no Brasil transformou-se em “Nova”.

Ainda assim, o registro da primeira revista segmentada do Brasil é muito anterior. Em 1827, a Academia de Medicina do Rio de Janeiro lançou a revista “O Propagador das Ciências Médicas” (BAPTISTA; ABREU, 2010). Voltada totalmente para os médicos, a publicação desejava principalmente difundir informações científicas. Nessa mesma linha, surge, no mesmo ano, a primeira revista voltada ao público feminino, “Espelho de Diamantino”.

O aumento progressivo da segmentação não ficou restrito apenas às publicações. A partir de meados dos anos 1980 e, principalmente, nos anos 1990, as emissoras de rádio se especializam em um gênero de música, enquanto os canais pagos de televisão surgem e se multiplicam. No mesmo caminho, jornais lançam cadernos especializados. “No meio revista, já segmentado por si, esse processo é ainda mais intenso”, contextualiza Mira (1997, p. 233). Agilidade, criatividade e flexibilidade são características reforçadas, portanto, por editores nesse período que também marca uma crise do capitalismo em grande parte do planeta.

Hoje, a tendência é que esses grupos se dividam e multipliquem a cada dia, segmentando ainda mais o mercado que atende uma gama de leitores diferentes. Os dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC) apontam para, no mínimo, vinte gêneros que vão desde negócios e turismo até astrologia, puericultura e games (NASCIMENTO, 2002).

Sobre essa característica das revistas, Scalzo (2004, p. 14) afirma que “a segmentação por assunto e tipo de público faz parte da própria essência do veículo”. A editora Abril, por exemplo, constata, nesse período, que sua estrutura é grande demais para publicações específicas e com menor tiragem e cria a Editora Azul, focada no mercado de revistas extremamente segmentadas.

O “sexo” do leitor é a primeira variável analisada para se criar novos títulos segmentados, segundo as pesquisas de mercado (MIRA, 1997). Logo após, vem “idade” e “classe socio-econômica” desse leitor. Com esses dados cruzados é possível entender como essa separação se desenvolve e ainda suas consequências na publicação e na cultura. “Dentro da segmentação por gênero, revistas femininas, encontramos, ainda, uma segmentação por faixa etária o que apresenta cerca de mais de 15 títulos destinados ao público feminino, produzidos apenas pela Editora Abril S.A.” (BAPTISTA; ABREU, 2010).

O desejo do meio publicitário de, cada vez mais, investir dinheiro em um público específico, cria outra segmentação, a econômica (BAPTISTA; ABREU, 2010). Para alcançar o público que buscam, as empresas se utilizam dos objetivos do marketing. Revistas segmentadas com um leitor bem definido são, antes de qualquer coisa, uma grande oportunidade para o mercado publicitário.

Essa variedade imensa de diferentes revistas faz com que o público de cada uma seja menor. Diferente do jornal, que fala para uma multidão como em um grande teatro, a revista semanal fala para um teatro menor, onde a plateia é selecionada (SCALZO, 2004). Assim, é possível ter uma ideia do grupo que lê a revista, embora não se consiga identificar um por um. É a partir dessa ideia que a autora afirma que em uma revista mensal se conhece, de fato, cada leitor, “sabe-se exatamente com quem se está falando” (SCALZO, 2004, p. 15). Talvez por isso, também, as revistas costumam correr um certo risco quando buscam atingir públicos enormes e difíceis de distinguir. Para Scalzo (2004), as revistas são comunicação de massa, mas nem tanto.

Em contrapartida, é possível entender que a grande segmentação das revistas também espelha o grau de modernização de um país. Nos países ricos e desenvolvidos o número de publicações é ainda maior e mais variado. Na Europa Ocidental, por exemplo, já vemos um fenômeno chamado de “a segmentação da segmentação” (SCALZO, 2004). Além de se ter revistas de história, há revistas sobre a Guerra da Argélia, em específico, ou

apenas sobre assuntos relacionados a Napoleão. “No Brasil, leem-se 3,5 revistas *per capita* por ano, enquanto nos Estados Unidos são 30 e na Escandinávia, 60” (SCALZO, 2004, p. 48). Quando falamos de Brasil, os dados trazidos pela autora ainda apontam uma diferença circunstancial em relação a outros países, o que pode representar, do ponto de vista positivo, um potencial alto de crescimento desse mercado aqui.

A definição do que deve ser uma boa revista não é imutável. Na verdade, evolui todos os dias. Muitas revistas morreram, e outras continuarão a morrer, porque seus leitores mudaram e elas não souberam acompanhá-los. Antigamente, era possível manter uma revista sem submetê-la a transformações gráficas e editoriais, mantendo-a praticamente inalterada por um longo período de tempo. Hoje, isso não é mais possível (SCALZO, 2004, p. 61).

A exigência de que as revistas se adaptem ao perfil traçado dos leitores, reforçada por Scalzo (2004) denota uma proximidade dessas publicações com seu consumidor final, o leitor, cada dia mais específico e fragmentado. A exigência de uma relação de proximidade com esses leitores muda, de alguma forma, o conteúdo produzido pela publicação. Por isso, essa proximidade é o foco da nossa discussão daqui para frente.

3.3 A revista e seus leitores

O conteúdo e o formato não são o que distingue, em sua totalidade, a revista de outros meios de comunicação. Fazer revista é saber falar com um leitor específico: “[...] revista tem foco no leitor – conhece seu rosto, fala com ele diretamente. Trata-o por ‘você’” (SCALZO, 2005, p. 15). É com essa relação de proximidade que grande parte das publicações desenvolve laços e, desta forma, fixa-se num mercado recheado de opções.

Falar diretamente com o leitor – e ter liberdade para chamá-lo de “você” – é movimento característico do mercado das revistas e ganha força com a segmentação já presente nele. Só é possível falar diretamente com quem conhecemos muito bem. Por isso, a chamada fragmentação da fragmentação facilita ainda mais esse processo. É diferente escrever para uma mulher de 30 anos e escrever para uma mulher de 30 anos que está grávida. Partindo do público de pais de bebês, por exemplo, Scalzo afirma que é possível fazer publicações distintas para “pais, mães, mães de bebês, mães de bebês gêmeos, mães de bebês gêmeos que moram em São Paulo” (2004, p. 49).

Quem descobre a forma correta de alcançar seu leitor costuma fixar-se no mercado com mais força. É o caso da revista “Capricho”, hoje focada no público das meninas adolescentes, mas que já passou por diversas mudanças editoriais. Em uma das pesquisas realizadas pela publicação, foi constatado que a fala da revista deveria estar mais próxima da fala de uma amiga que aconselha e sugere sem interferir. Ao mesmo tempo, o importante seria se distanciar do papel da mãe, que manda, se impõe de forma absoluta. As publicações mais generalistas, mesmo aquelas que estão focadas em um público, como o feminino, tem perdido espaço para as que escolhem um perfil mais específico de mulher e seguem em frente com o conteúdo que supostamente deve agradar esse público.

Elas ainda são estrelas absolutas nesse mercado – Marie Claire, Elle e Glamour continuam ganhando novas edições em vários países – porém todas vêm perdendo circulação nos últimos dez anos. Revistas que falam para públicos menores, como mulheres que se preocupam com qualidade de vida, com dietas ou com espiritualidade, em contrapartida, ganham terreno. De novo, é a velha máxima: é preciso falar com menos gente, para falar melhor (SCALZO, 2004, p. 44).

E para falar diretamente para esse leitor, grande parte das publicações estabelece formas de contato. Seja via telefone ou carta, alguns anos atrás, ou via email e redes sociais agora, o importante é ouvir quem lê o que se publica. “Seja como for, o fato é que, na absoluta maioria dos casos de publicações bem-sucedidas no mercado, existe sempre algum modo, formal ou informal, de escutar periodicamente o público” (SCALZO, 2004, p. 39). As pesquisas também são outra forma de ouvir o que o leitor quer e tem a dizer e assim, aproximar-se cada vez mais dele. Parte dessas ações se justifica pela intimidade criada na relação com os leitores:

Enquanto o jornal ocupa o espaço público, do cidadão, e o jornalista que escreve em jornal fala com uma plateia heterogênea, muitas vezes sem rosto, a revista entra no espaço privado, na intimidade, na casa dos leitores. Há revistas de sala, de cozinha, de quarto, de banheiro (SCALZO, 2004, p. 14).

Scalzo (2004) sugere, inclusive, que os jornalistas não devem perder nenhuma oportunidade de observar leitores lendo suas publicações. Seja na rua ou no aeroporto, o importante é perceber em que momento eles se concentram na leitura e em quais outros o observado passa páginas com rapidez. Em alguns casos, empresas mandam repórteres irem às ruas para ouvir os leitores.

Chamar o leitor de “você”, fazer com que ele se identifique com cada linha escrita é um desafio encarado em redações inseridas num contexto de rotina desgastante e com um índice alto de exigência dos profissionais. Não são apenas os editoriais que aproximam-se dos leitores, pelo contrário. Em cada reportagem, tudo é pensando para que esse leitor – imaginado pela redação – possa se identificar. Extrapolando os limites físicos, são formados conselhos e grupos de leitores que vão até a redação e dizem o que pensam sobre as publicações.

Mais que falar o que pensam, os conselhos de leitores são responsáveis por fazer com que cada um que tem acesso à publicação se sinta representado em suas páginas. Em um estudo sobre o Conselho do Leitor do Jornal Zero Hora, Arócha (2009) afirma que, na teoria, os chamados conselhos de mídia deveriam dar voz ao público e, com as suas opiniões, melhorar a qualidade da mídia. “No Brasil, contudo, não se encontram Conselhos que, oriundos da sociedade, exerçam esse papel. Verifica-se que esse modelo é implementado principalmente por empresas jornalísticas que querem ter ‘retorno’ do seu produto” (ARÓCHA, 2009, p. 20). A partir de evidências observadas durante a pesquisa, Arócha (2009) afirma ainda que o Conselho do Leitor não seria um espaço para dar voz ao leitor, mas um momento para convencer os conselheiros de que Zero Hora adota as melhores posturas e escolhe os melhores assuntos para publicar no jornal. Mais do que ouvir esse grupo de leitores, o jornal utiliza o espaço do Conselho do Leitor para falar de si. Em muitos casos, ainda é possível acreditar que o departamento comercial está mais próximo ou aproveita-se mais do conselho do que a própria redação da publicação (ARÓCHA, 2009).

Todos esses fatores acabam por transformar, de alguma forma, o conteúdo produzido pelas publicações. Os discursos são moldados pelos mais diversos fatores e, entre eles, está a importância dada ao leitor. O que as revistas desejam dizer e por que publicam determinadas questões serão os temas tratados a seguir, com foco no discurso das publicações.

3.4 O discurso das publicações

A linguagem está no cerne do jornalismo. É com ela que as informações são organizadas e repassadas para o público. Por isso, Reginato (2011) analisa o jornalismo a

partir de uma perspectiva construtivista, que entende o resultado das publicações como parte de uma construção social, estruturada pela linguagem. Assim, “[...] o discurso jornalístico tem um papel importante na construção social na medida em que constrói verdades, determina modos de viver e organiza as relações sociais” (REGINATO, 2011, p. 23).

Berger (2003) lembra que durante muito tempo se imaginou que a linguagem era capaz de ser fiel ao acontecido. Acreditava-se, então, que a censura era um limitador único para que a realidade dos fatos fosse exposta. Hoje, ao contrário, a realidade da atividade já é considerada mais complexa e um dos pontos de tensão é exatamente essa a relação entre texto e verdade.

[...] a linguagem constitui e não descreve aquilo que é por ela representado. Essa concepção abala a prática jornalística, pois, se é assimilada, deixa de reivindicar a imparcialidade ou a neutralidade na passagem do acontecimento para o editado e reconhece a notícia como construção de um acontecimento pela linguagem (BERGER, 2003, p. 19).

O campo⁴ do jornalismo tem, portanto, a credibilidade como capital. E essa credibilidade está ligada, também, com a negociação estabelecida no diálogo com o leitor por meio da linguagem. Mas quem produz o material jornalístico está em uma redação, inserido em um contexto específico, o que faz com que as condições de produção interfiram nesse discurso, na relação dos jornalistas com suas fontes e, conseqüentemente, do jornal com seus leitores (BERGER, 2003).

Para Benetti (2008), o jornalismo é um gênero discursivo, com condições específicas de produção, circulação e interpretação que se articulam com questões históricas e sociais. Tudo isso, sem ignorar as condições em que se fala, se interpreta e, ainda, se memoriza um determinado fato. Com influências externas, de contexto, e subjetivas, ligadas ao sujeito, o jornalismo, tomado como gênero de discurso, é complexo.

Por essas razões, para que haja sucesso na comunicação, muitos fatores têm de ser levados em conta. A autora recupera cinco fatores básicos que organizam a negociação entre jornalista e leitores, no que se reconhece como um contrato de comunicação⁵: “quem diz e para quem”, “para quem se diz”, “o que se diz”, “em que condições se diz” e “como se diz” (BENETTI, 2008). É a condição de finalidade, o “para quem”, que rege as demais na

⁴ Sobre o conceito de campo na sociologia ver Bourdieu (2004) e, sobre a discussão de campo jornalístico ver Berger (2003).

⁵ A noção de “contrato de comunicação” é trabalhada por Benetti (2008) a partir das discussões de Charadeau (2007).

definição do jornalismo, ao passo que o “o que se diz” está relacionado com os valores-notícia identificados nos acontecimentos. É de fundamental importância que esse acordo se estabeleça entre leitor e jornalista, o que acaba alçando o jornalismo a um gênero discursivo particular.

O contrato de comunicação assenta-se sobre a compreensão dos elementos que constituem um quadro de referência, a moldura onde o discurso acontecerá. Se os sujeitos participantes do processo discursivo não reconhecem estes elementos, o discurso fica comprometido em sua inteligibilidade, eficácia e legitimação (BENETTI, 2008, p. 39).

Todo discurso, se estabelece de forma intersubjetiva: um alguém enuncia, outro alguém interpreta (BENETTI; HAGEN, 2010). Entendendo o jornalismo como uma prática discursiva, devemos lembrar que muitos sujeitos fazem parte dessa articulação, dentre eles o jornalista, o leitor, a fonte, o veículo, o anunciante. Mesmo com tantos sujeitos, uma das condições fundamentais para o contrato de comunicação é a condição de identidade. É preciso reconhecer “quem diz e para quem” e, segundo Benetti e Hagen (2010), a finalidade – “para quem se diz” - está ligada de forma direta a isso. Na questão identidade, também, podemos encaixar o leitor delineado e almejado pela publicação.

Quando se afirma que é preciso conhecer a fundo os leitores de uma revista e chamá-lo por “você”, está se salientando exatamente essa condição de identidade. Leitor e jornalista “sabem”⁶ com quem estão interagindo e, ainda, por que falam de determinado assunto. Essa relação é, contudo, assimétrica, o que faz com que o jornalista possa dizer inúmeras vezes o que faz e por quê, enquanto os leitores não participam ativamente. O resultado disso é um conjunto de percepções e valores que os jornalistas têm de si e do mundo e que acaba orientando as representações. “Essas representações, ditas e reditas como verdades ao longo do tempo, constroem o *ethos* jornalístico” (BENETTI; HAGEN, 2010, p. 125). Uma das formas de legitimar esse *ethos* é aproximar-se dos leitores por meio de um Conselho do Leitor para, conforme Arócha (2009), mais falar sobre suas ações do que propriamente ouvir esses leitores.

Os autores ainda propõem uma distinção entre o *ethos* prévio ou pré-discursivo⁷ e um *ethos* discursivo. O *ethos* pré-discursivo é a imagem preexistente de quem enuncia.

⁶ Esse conhecimento pode não ser concreto, de fato ele é, em geral, tácito e se dá pelo reconhecimento discursivo do gênero jornalístico.

⁷ Sobre a noção de *ethos* pré-discursivo ver Maingueneau (2005).

Marcado pela ideologia e construído socialmente ele pode ser tido como a moldura de quem fala. Quando se faz referência ao jornalismo, essa voz é uma voz institucional. A própria identidade do jornalista acaba sendo assentada sobre essa representação institucional – ligada à independência e ao compromisso com o leitor e com a democracia. Uma das formas de reforçar essa voz institucional é ouvir os leitores, das mais diferentes formas, e, mesmo assim, manter um conceito prévio de como esses leitores são. Mesmo que a revista “Capricho”, em vários momentos, tenha se aproximado de seu público alvo, conversando e ouvindo meninas, como narra SCALZO (2004), ela não deixou de acreditar que sua leitora era a menina adolescente de classe média e média alta. Ouvi-las, nesse contexto, é mais uma forma de fazer com que elas se enxerguem, se identifiquem com a marca, do que propriamente transformar a publicação.

Dar voz ao público, entender suas necessidades, críticas, e trabalhar em cima de suas sugestões resumem, em um primeiro plano, uma estratégia para a venda de mais exemplares. Dessa forma, pode-se colocar em segundo plano o conceito de conselho enquanto ferramenta de qualificação da mídia (ARÓCHA, 2009, p. 107).

Em contrapartida, o *ethos* discursivo só é construído quando o sujeito representa a si mesmo no outro e já dentro de uma moldura. A partir do modo como se apresenta, o enunciador busca modelar a interpretação, enfatizando uma ou outra qualidade. De uma forma ou de outra, o enunciador se apresenta para o leitor. Buscando marcas discursivas nos textos apresentados nas revistas ou pelas revistas, é possível encontrar sinais que moldam o *ethos* discursivo.

No que diz respeito às revistas semanais de informação, os jornalistas recuperam o *ethos* pré-discursivo para criar um sistema de representação de si. As marcas do jornalismo como instituição se misturam às marcas de subjetivação deste ou daquele jornalista, desta ou daquela revista, para modelar um forte discurso de auto-representação (BENETTI; HAGEN, 2010, p. 126).

A partir do *ethos*, as revistas estabelecem uma imagem de si. É com essa representação e a partir dela que os textos serão construídos e é com essa imagem que o leitor vai se relacionar para criar a sua própria imagem sobre a publicação. Ao mesmo tempo, é com ela que a credibilidade e a legitimidade do veículo serão reforçadas. A partir do momento, por exemplo, que institucionalmente as revistas criam uma imagem de si ligada a questões como a independência, a democracia e compromisso com o leitor, essa

representação realimenta crenças (BENETTI; HAGEN, 2010). Mesmo que não sejam verdadeiras, essas representações colaboram para o conceito mais difundido de jornalismo e do fazer jornalístico.

O discurso institucional, parte integrante do *ethos*, também molda a forma como as revistas pensam e apresentam seus leitores. O segmento de público, seus gostos e seus desgostos são parte do *ethos* que ajuda a moldar um leitor, seja jovem ou adulto, conservador ou revolucionário, vaidoso ou despojado. Quem afirma, com certeza, questões como essa é a própria revista. Da redação até os departamentos comerciais, o *ethos* colabora para a construção de um leitor específico que será almejado na publicação.

Por fim, podemos pensar que o discurso de uma revista tem inúmeras variantes. É preciso um contrato de comunicação (CHARADEAU, 2007) específico, que seja compreendido por ambas as partes. Esse contrato não se desenvolve sem o uso de uma linguagem, carregada de significados. Em paralelo, as formas que a publicação utiliza para falar de si ou sobre seus leitores acabam por promover e legitimar seu *ethos* jornalístico. Assim, o contato com esses leitores colabora, ainda mais, para a criação de uma imagem específica da revista e de quem a lê.

4. A TURMA DO FUNDÃO COMO REPRESENTAÇÃO DO LEITOR DA MUNDO ESTRANHO

Objeto desse estudo, a revista Mundo Estranho mantém um grupo de leitores intitulado “Turma do Fundão” ou TdF. Neste capítulo buscamos compreender melhor a relação entre a Mundo Estranho e o grupo de leitores que forma a “Turma do Fundão” e, para tanto, faremos uma breve apresentação da revista e das propostas para a participação dos leitores na “TdF”. Discutimos, a seguir, a análise de conteúdo como método de investigação pertinente à nossa proposta de pesquisa para, então, descrever sistematicamente a análise dos materiais recolhidos durante o percurso do trabalho. Visando compreender como a publicação representa esses leitores, esse capítulo analisa a marca “TdF” sob três aspectos: os espaços destinados à Turma do Fundão 2010 na edição impressa, as características dos candidatos à Turma do Fundão 2011 e a construção da identidade desse leitor sob o ponto de vista institucional.

4.1 A revista Mundo Estranho

Criada em 2002, a revista Mundo Estranho carrega características da Superinteressante e é, de acordo com definição da própria Abril⁸, da qual faz parte, uma espécie de “filhote” da outra publicação da editora. Para responder perguntas enviadas pelos leitores, a “Super”, conhecida por publicar curiosidades das mais diversas áreas, lançou, em agosto de 2001, uma edição especial chamada Mundo Estranho. Mais de 90 mil exemplares foram vendidos e uma segunda parte foi publicada. Do sucesso de público e vendas, surgiu a revista mensal Mundo Estranho, com projeto gráfico fortemente centrado

⁸ Informações disponíveis em <<http://www.publiabril.com.br/marcas/mundoestranho/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em: Outubro de 2011.

nos infográficos e cumprindo a proposta de oferecer aos leitores respostas para perguntas curiosas.

Focada em um público mais jovem do que aquele da Superinteressante, a Mundo Estranho (ME) é feita para garotos⁹. A revista tem uma tiragem de pouco mais 169 mil exemplares, dos quais 63 mil assinantes¹⁰. Um perfil feito pela Marplan/IVC e divulgado pela PubliAbril¹¹ afirma que 60% dos leitores da ME são de classe B e a grande maioria, 64%, são homens. Ao analisar a faixa etária predominante, encontram-se registros significativos a partir dos 10 anos de idade, estendendo-se até os 44 anos. Assim, 29% dos leitores de ME tem entre 25 e 44 anos, enquanto 61% têm entre 10 e 24 anos. A faixa de idade com maior concentração de leitores é a dos 15 aos 19 anos, que compreende 35% do total. A estimativa ainda afirma que 53% dos leitores vivem na região sudeste do país, apenas 6% no norte e 7% na região centro oeste.

Em novembro de 2010, o mesmo site trazia números diferentes. A tiragem era de 165 mil exemplares, considerando 59 mil assinantes no período. A porcentagem de homens leitores apresentou alteração negativa, pois em 2010 os dados da Abril apontavam uma maioria absoluta, 70%, de leitores do sexo masculino, e em 2011 o número está em 64%. Ao contrário, a faixa de idade entre 10 e 24 anos compreendia apenas 49% do total, número que chegou aos 61% neste ano.

Aliando curiosidades a questões científicas e históricas, a Mundo Estranho mantém seções fixas como a “Duelo”, onde expõe contrapontos de opinião sobre um determinado tema e a “Mapa Estranho”, em que um grande infográfico é usado para explicar ou discutir determinado assunto. A seção “Debate Que Eu Gosto” também costuma levantar temas polêmicos ou que geram discussão e opor argumentos a favor ou contra. Como exemplos de temáticas desenvolvidas na publicação podemos citar a adoção do kit anti-homofobia nas escolas públicas¹², e o uso de células-tronco embrionárias em pesquisas¹³. Sempre com textos curtos e páginas muito coloridas e ilustradas, a ME busca sustentar um caráter de noticiabilidade a partir da eleição de temas ancorados em acontecimentos recentes. Isso

⁹ As definições de público e proposta editorial são apresentadas pela Editora Abril em <<http://www.publiabril.com.br/marcas/mundoestranho/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em: Outubro de 2011.

¹⁰ Informações disponíveis em <http://www.publiabril.com.br/marcas/mundoestranho/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em: Outubro de 2011.

¹¹ Informações disponíveis em <http://www.publiabril.com.br>. Acesso em: Outubro de 2011

¹² Presente na edição de julho de 2011.

¹³ Tema da edição de abril de 2011.

fica claro nas páginas de debate, já que os temas destacados costumam estar em discussão na opinião pública.

A partir do slogan “*Para quem é louco por curiosidades!*”, a revista reforça o conceito de destacar temáticas curiosas ou pouco exploradas. Há, também, seções fixas em que prevalecem respostas para dúvidas de leitores. Em outra parte da publicação, quem pergunta é a redação e duas respostas são premiadas, a mais criativa, e normalmente mais estranha, e, também, a resposta considerada mais correta. Para a PubliAbril¹⁴, a ME é uma ponte entre revistas infantis e adultas. Já a descrição do perfil da publicação no microblog Twitter¹⁵, com mais de 41 mil seguidores, lembrava, em 2010, que parte das discussões da revista traz “*as curiosidades mais bizarras*”. Em 2011, a descrição foi alterada para o slogan da revista, que remete apenas às curiosidades.

A ponte entre leitores e redação é feita essencialmente via Internet. Em redes sociais, no site da revista ou, até mesmo, via MSN¹⁶, os leitores podem opinar sobre a revista, sugerir matérias ou perguntas. Grande parte dessa interação é transposta para o papel e aparece na revista nas colunas “Caixa Postal” e “Digital”. Em todas as edições é possível encontrar alguns comentários postados no Twitter em que os leitores avaliam a revista. A página da ME na rede social Facebook¹⁷, que contava com mais de 26 mil seguidores em outubro de 2011, promove a participação dos leitores a partir da seção “Curtiu virou matéria”. Se um número determinado de pessoas “curtir”¹⁸ a página do Facebook da revista, uma matéria, cujo tema é divulgado previamente, será feita e publicada na edição impressa.

Pelo Twitter a redação também conversa com os leitores e seguidores por meio da Twitcam¹⁹, uma vez ao mês. O encontro virtual é anunciado na seção “Digital”. Segundo dados divulgados pelo Njovem²⁰, portal do Núcleo Jovem da Editora Abril, a média de público que acompanha, em tempo real, essas transmissões chega a 250 pessoas. A coluna

¹⁴ Informações disponíveis em <http://www.publiabril.com.br/marcas/mundoestranho/revista/informacoes-gerais>. Acesso em: Outubro de 2011.

¹⁵ Informações disponíveis em <https://twitter.com/#!/mundoestranho>. Acesso em: Outubro de 2011.

¹⁶ Ferramenta de mensagens instantâneas pela internet.

¹⁷ Informações disponíveis em <http://www.facebook.com/mundoestranho>. Acesso em: Outubro de 2011.

¹⁸ O Facebook permite que seus usuários interajam com conteúdos dos amigos. Entre as possibilidades mais comuns estão os comentários e o botão de “curtir”, que registra em determinado conteúdo a aprovação de outros integrantes da rede social.

¹⁹ Serviço disponibilizado pelo próprio Twitter que permite a publicação de vídeos ao vivo.

²⁰ Informações disponíveis em <http://www.njovem.com.br/cases/engajamento-nucleo-jovem/>. Acesso em: Outubro de 2011.

“Digital” ainda reproduz as respostas de perguntas eleitas em uma enquete feita no site da revista.

Entre as principais temáticas trazidas pela ME – tanto na edição impressa quanto em seu site e nas redes sociais - estão questões que geram estranhamento ou, até mesmo, vergonha. “*Existe mulher barbada?*”, “*Qual é a maior escola do mundo?*”, “*Como se faz uma autópsia?*”. Em suas pouco mais de setenta páginas é possível encontrar respostas que os leitores não teriam, em tese, coragem para fazer para qualquer pessoa: desde o significado da palavra ginecomastia, técnica que reduz mamas masculinas, até a utilidade do hímen, passando pelo surgimento das verrugas, quase tudo pode ser pautado pela revista.

No nono ano de circulação, a publicação decidiu selecionar um grupo de 15 leitores para, de acordo com o editorial²¹ “*definir pautas, identificar novidades que fazem parte do seu universo, julgar novos games, assistir a lançamentos de filmes*”, além de “*aparecer sempre*” na ME. Denominado “Turma do Fundão” ou TdF, o processo de seleção foi lançado na edição de julho de 2010 e os escolhidos foram apresentados na edição de setembro do mesmo ano. Além da ideia de trazer novidades do “*seu mundo*”, os jovens deveriam participar de eventos e escrever sobre eles.

A Diretora de Redação, Patricia Hargreaves, em seu editorial²² da edição de setembro de 2010, comentou as entrevistas feitas ao vivo e contabilizou mais de 2 mil fichas inscrição de todo o Brasil. Entre os critérios de seleção observamos que apenas três dos 15 integrantes da TdF selecionados seriam do sexo feminino e, ainda, somente cinco poderiam ser de fora do estado de São Paulo. Durante um ano, os 15 jovens selecionados pela ME deveriam participar em diferentes seções da publicação, sempre marcados pelo selo TdF.

Apresentados em uma reportagem especial da edição de setembro de 2010²³, os integrantes da Turma do Fundão figuram na publicação com posturas informais, apontando seus passatempos preferidos: livros, seriados, filmes e super heróis favoritos são alguns dos destaques dos jovens em textos de pouco mais de seis linhas reduzidas. A partir das edições seguintes, seria possível identificá-los por meio do selo em diferentes seções da

²¹ Conteúdo publicado no editorial “Filhotes da ME”, edição 101 de julho de 2010.

²² Conteúdo publicado no editorial “Dona Norma”, edição 103 de setembro de 2010.

²³ Conteúdo publicado nas páginas 72 e 73, “TdF Turma do Fundão”, na edição 103, de setembro de 2010.

publicação. Uma nova conta no Twitter²⁴ também passa a acompanhar o grupo. Um ano depois a ME lança a seleção para a nova Turma do Fundão, edição 2011. Desta vez, o processo seletivo conta, também, com um blog²⁵ onde novidades sobre a seleção são postadas diariamente e, então, replicadas no Twitter.

Considerando que o selo “Turma do Fundão” é uma novidade na trajetória de interatividade e contato com o leitor, torna-se importante acompanhar o desenvolvimento dessa participação dentro da Mundo Estranho. Quem são os selecionados que durante um ano acompanharão a revista, o que há em comum entre eles e como são apresentados. Em que temáticas participam, como são retratados editorialmente e como falam de si. A formação de identidade está já no nome, Turma do Fundão, carregado de significado em diferentes regiões do país. Os jovens leitores e a formação de sentido e identidade a partir do selo TdF, que circula em diferentes seções da revista, são os interesses centrais deste estudo.

4.2 Metodologia: análise de conteúdo

A fim de discutir de que forma a identidade do leitor da Mundo Estranho é representada pela própria publicação em seu selo Turma do Fundão necessita-se de um mapa metodológico que permita alcançar os objetivos traçados por essa pesquisa. Para mapear a participação desses leitores, identificar as características dos candidatos na seleção para a Turma do Fundão 2011 e, ainda, analisar como a identidade desses leitores é construída institucionalmente, vamos nos valer das noções da análise de conteúdo.

Instrumento metodológico disponível para as ciências humanas, a análise de conteúdo pode ser usada por historiadores, psicólogos, comunicadores ou pesquisadores da área da literatura, sendo considerada um conjunto de técnicas de análise das comunicações (BARDIN, 1977). De acordo com a mesma autora, essas técnicas visam obter, por meio de procedimentos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção dessas mensagens. Para Herscovitz (2007), o método auxilia na compreensão sobre quem produz

²⁴ Informações disponíveis em <https://twitter.com/#!/turmadofundao>. Acesso em: Outubro de 2011.

²⁵ Informações disponíveis em: <http://mundoestranho.abril.com.br/blogs/turma-do-fundao>>. Acesso em: Outubro de 2011.

determinado conteúdo jornalístico, sobre quem recebe esse conteúdo e, ainda, pode destacar parâmetros culturais e a lógica organizacional implícita no conteúdo final produzido.

Por meio de uma análise quantitativa e qualitativa, essa metodologia busca um significado que vai além da primeira aparência, alcançando o que está implícito. Contexto, meio de comunicação e o público são, por esse motivo, de grande importância para o bom desenvolvimento da análise de conteúdo. Quem se utiliza desse método se aproxima, de acordo com Herscovitz (2007), de detetives em busca de pistas para desvendar diferentes significados das narrativas jornalísticas. São esses significados que expõem tendências, conflitos, interesses, ambiguidades e, até mesmo, ideologias presentes nos materiais examinados. A análise de conteúdo jornalística pode, então, ser definida da seguinte forma:

[...] método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação (HERSCOVITZ, 2008, p. 124-125).

De forma geral, podemos apontar, em princípio, dois objetivos para o método: a ultrapassagem da incerteza e o enriquecimento da leitura (BARDIN, 1977). O primeiro diz respeito à mensagem contida em um determinado local, mas vista, apenas, por meio de uma visão específica. Já o segundo, caracteriza-se pela descoberta de conteúdos e de estruturas que estão inseridas no objeto e que demonstram o significado real das mensagens a partir de um segundo olhar - esclarecendo elementos que, em princípio, não notávamos.

Desta forma, podemos pensar que a análise de conteúdo sustenta-se a partir de uma dupla função, o desejo de rigor e a necessidade de descobrir, adivinhar e ir além das aparências (BARDIN, 1977). Mesmo assim, o método é considerado empírico, variando de acordo com os objetivos traçados pelo pesquisador e, ainda, dependente do tipo de “fala” a que se dedica.

Não existe o pronto-a-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento, excepto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da descodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas (BARDIN, 1977, p. 31).

Mesmo com tantas variantes, algumas certezas existem quando se fala desse método. Definir o campo a ser analisado é uma delas. Além disso, qualquer ato de comunicação – do emissor ao receptor – que transporte significados pode ser decifrado com as técnicas da análise de conteúdo. Será a partir de uma descrição detalhada, objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo que se alcançará a interpretação do que foi comunicado. A intenção desse método é, de acordo com BARDIN (1977, p. 38) “a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”. O objetivo do pesquisador é enxergar mais do que apenas a mensagem tradicional, desviando o olhar até uma outra mensagem, em segundo plano, que está ao lado ou embaixo da primeira mensagem. Por isso, esse método exige uma forma diferente de leitura, que, por meio dos significantes ou de significados (manipulados) busca encontrar outros “significados” de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, entre outros (BARDIN, 1977).

Para obter uma análise válida, é preciso estabelecer categorias que obedecem algumas regras, como estabelecido pela autora (BARDIN, 1977): homogêneas, que não misturem coisas distintas; exaustivas, para esgotar o texto em sua totalidade; exclusivas, um mesmo elemento do conteúdo não pode ser classificado duas vezes; objetivas, com códigos diferentes deve-se alcançar resultados iguais; adequadas ou pertinentes, ou seja, adaptadas ao conteúdo e ao objetivo. As categorias são, para Bardin (1977), algo semelhante a diferentes caixas ou gavetas, onde se pode distribuir elementos. O fundamental nesse processo de distribuição é, sem dúvida, os critérios estabelecidos para a classificação do que se procura encontrar.

4.3 A análise

Como já afirmamos, a análise será organizada em três partes centrais, quais sejam: a observação da participação dos leitores integrantes da Turma do Fundão em seu primeiro

ano de participação, buscando mapear os espaços destinados para a revista para a ação do seu leitor; a análise dos dados de seleção da segunda equipe de leitores da TdF, conforme as manifestações da redação no blog da seleção e em busca de norteadores sobre a representação dos leitores destacada pela revista; e, por fim, a leitura sistematizada dos conteúdos editoriais da Mundo Estranho, relacionadas à Turma do Fundão, de forma a observarmos como a revista apresenta editorialmente o seu leitor.

4.3.1 Turma do Fundão 2010: mapas de participação

Durante um período de 11 meses, de outubro de 2010 a agosto de 2011, um grupo de 16 jovens, todos leitores da revista Mundo Estranho e vencedores do processo seletivo que definiu os participantes da Turma do Fundão, apareceram, de diversas formas, nas páginas da publicação. Pela primeira vez, em mais de nove anos de história, a revista dedicou esse tipo de espaço a um grupo selecionado de leitores. Com idades entre 13 e 17 anos, os membros da TdF 2010²⁶ estiveram presentes nas edições da ME, o que, de alguma forma, contribuiu para a construção, pela revista, de uma identidade destes leitores ao longo desse período.

O interesse desse ponto da pesquisa é mapear como essa participação ocorreu e, a partir disso, salientar que representações sobre a identidade dos jovens leitores foram destacadas na Mundo Estranho. Entendemos que é importante destacar que nosso esforço se estabelece na relação com o conteúdo efetivamente publicado pela revista, ou seja, buscamos mapear as formas como a revista apresenta os integrantes da TdF 2010. Como será possível notar, algumas categorias colocam em destaque a participação desses leitores na construção do conteúdo da revista, movimento que não pretendemos confirmar (ou negar) empiricamente com a redação, visto não ser nosso interesse central de pesquisa. É a representação da participação dos leitores o que mais nos importa observar e é a partir dessa perspectiva que propomos a análise da revista.

Partindo dos conceitos desenvolvidos pela análise de conteúdo, 11 edições da revista foram observadas - com foco no selo TdF, que marca a presença do grupo na

²⁶ Definimos a denominação TdF 2010 para a turma selecionada no ano de 2010, ainda que sua participação se prolongue durante os primeiros meses de 2011. Essa opção se faz no sentido de diferenciá-los do que chamamos TdF 2011 - o grupo de leitores selecionado pelo selo em 2011, em substituição ao grupo anterior. Cada grupo será alvo de análises específicas durante este trabalho.

publicação. Estabeleceram-se, assim, quatro categorias que visam a mapear os espaços destinados para a participação desses leitores que compõem a “Turma do Fundão 2010”.

A primeira categoria, chamada de “*Participação de Apuração*”, tem como maior característica a participação ativa do grupo de leitores na produção da pauta. Quando pensamos em participação ativa, queremos dizer que, de alguma maneira, os membros da Turma do Fundão 2010 desenvolveram atividades, próximas, de alguma forma, da atividade jornalística de fato. O leitor, nessa categoria, *faz algo* que é publicado na revista com o selo TdF: cobre um evento, critica um filme, livro ou seriado. O que é feito pelos membros da Turma do Fundão nessa categoria poderia ser feito por qualquer jornalista da redação, sem grandes alterações, mas é a presença dos leitores no processo de apuração/produção da pauta o que a caracteriza. No entanto, é essa categoria que menos tem espaço no decorrer nas 11 edições analisadas.

Por outro lado, na categoria “*Participação de Sugestão*”, a ação dos membros da Turma do Fundão está mais próxima da posição de um chefe de reportagem, que pauta os repórteres, dizendo que temas ganharão espaço na revista. Nesse caso, os jovens são os pauteiros, sugerindo assuntos para matérias, debates, seções fixas ou discussões. A atividade dos membros do grupo nessa categoria resume-se a propor uma pauta, uma vez que o resultado final, a reportagem ou material publicado, é executado pelos jornalistas da redação da Mundo Estranho. A ação proponente desses leitores não exclui, de qualquer forma, o filtro da revista sobre o que será efetivamente publicado ou não, embora essa pesquisa não tenha considerado esses filtros no seu desenvolvimento.

Na terceira categoria, intitulada “*Participação de Opinião*”, a presença dos jovens leitores se dá por meio da opinião pessoal. A atividade executada por eles pode ser pensada, então, como algo próximo dos colunistas ou cronistas. É um espaço mais livre para que o grupo diga o que pensa sobre temas que, via de regra, estão na agenda de discussão da revista. Em diferentes seções, o selo TdF marca a opinião e o posicionamento de alguns membros da turma, conferindo-lhes uma certa notoriedade. Em alguns casos, dois jovens se apresentam com opiniões opostas sobre um mesmo assunto.

Seguindo com uma linha opinativa, a quarta categoria, “*Participação de Avaliação*”, abrange o que é dito pelos jovens sobre a revista, ou sobre a edição que vai para as bancas. É neste momento, parecido com os espaços dedicados às antigas cartas dos leitores, que muitos aprovam ou desaprovam abordagens, espaços e escolhas feitas pela

Mundo Estranho em edições anteriores. Nessa categoria, não são apenas os 16 jovens da Turma do Fundão que participam. Os espaços de crítica, grande parte deles desenvolvido na Internet, são abertos para todos os leitores. A edição impressa destaca algumas opiniões e, dentro dessas, um número menor carrega ao lado o selo TdF, como referência às opiniões dos membros da turma.

A seguir, de forma descritiva e crítica, será apresentado o desenvolvimento de cada categoria durante as 11 edições analisadas.

A) Participação de Apuração

O selo TdF, indicando a execução de pautas ou críticas jornalísticas pelos membros da Turma do Fundão, apareceu 14 vezes no decorrer das 11 edições analisadas. Em apenas uma delas, o espaço destinado pode ser considerado “grande”, ocupando mais de meia página, e a atividade tratava-se, segundo a descrição da própria revista (Anexo 1), de uma “cobertura jornalística”. Nas outras 13 ocasiões, os selos vieram acompanhados pela palavra “conferiu”, o que indicava a atividade exercida pelo grupo em uma determinada seção da publicação.

O momento em que os jovens mais obtiveram espaço foi na edição 104, de outubro de 2010, a primeira após o anúncio dos vencedores da promoção e, agora, membros do grupo. Na matéria chamada “TdF Turma do Fundão”, dois dos 16 jovens foram convidados a visitar a “Feira do Guia do Estudante”, promovida pela Editora Abril, que também publica a ME. A linha de apoio apresentada pela publicação e o grande título com o selo Turma do Fundão fazem crer que a proposta iria se repetir ao longo do ano, algo que não ocorreu. “A **primeira missão da TdF** foi cobrir a Feira do Guia do Estudante, entre os dias 27 e 29 de agosto. O Vitor e a Dani passaram por lá e contam como foi o evento” [destaques nossos], resume a linha de apoio que apresenta a cobertura.

Logo abaixo, quatro fotos alternadas mostram os jovens em poses divertidas no evento. As imagens (Figura 1) trazem os membros da TdF, mas não foram feitas por eles, o que reforça o caráter de uma simples visita à feira. Além das fotos, Vitor e Daniella, ambos moradores da capital paulista, escrevem pequenos textos sobre o evento. O foco dos escritos é a impressão deles sobre a feira e, mais ainda, sobre as dúvidas e certezas na hora de escolher uma profissão. Pouco se fala sobre como o evento se desenvolveu. “Várias

faculdades estavam lá para apresentar seus cursos”, escreveu Vitor. A frase de Daniella sobre a feira também é curta: “Assisti a palestras, fiz testes vocacionais e conversei com representantes das universidades”. Logo em seguida, os textos, que têm entre 17 e 18 linhas estreitas (com uma média de quatro ou cinco palavras por linha), falam sobre a escolha profissional de cada um. Ao final, ambos afirmam ter decidido suas carreiras durante a cobertura.



Figura 1: Matéria sobre a Feira do Guia do Estudante

Dessa forma, não é possível saber dados básicos que uma verdadeira cobertura jornalística traria sobre qualquer evento. Tamanho, público estimado, número de universidades participantes, objetivo da feira. Imagina-se que o foco é auxiliar os jovens na decisão do curso universitário, mas isso fica subentendido a partir dos textos publicados no espaço. Não há como ter certeza, pois não há indicação explícita. Além disso, os dois textos dos TdFs são publicados sem aspas, o que não permite esclarecer se foram mesmo os jovens que escreveram o que foi publicado ou eles apenas relataram suas impressões para um jornalista que fez a transcrição.

Uma pequena legenda explica, de forma resumida, porque há outros membros do grupo, além de Dani e Vitor, nas fotos: “*Os TdFs Bruno e Alexia também apareceram por lá*”. Com essa descrição, não é possível saber se todos os membros foram convidados ou se apenas os dois que escrevem receberam um convite formal da redação para participar da cobertura. Também se pode inferir, ainda que não de forma absoluta, que os outros dois TdFs, que apenas aparecem nas fotos e não escreveram, podem ter sido encontrados ao acaso no evento. A expectativa que esses pequenos percalços e que dúvidas geradas nessa primeira “cobertura” pudessem ser sanadas numa próxima, esvaiu-se: não houve, durante os dez meses seguintes, nenhum outro espaço semelhante na revista, onde os TdFs foram levados a determinado local para escreverem sobre o que viram ou viveram.

A revista não é clara o suficiente ao apresentar essa cobertura. Com os dados publicados, não é possível saber de que forma a pauta foi coberta, nem o objetivo da publicação. Ao mesmo tempo, não podemos ignorar que se trata de um evento interno, promovido pela editora Abril. Assim, a participação dos membros da Turma do Fundão pode ter considerada um movimento auto-referencial (BENETTI e HAGEN, 2010), como discutido no capítulo anterior. Com a presença dos jovens, a “Feira Guia do Estudante” ganha destaque como pauta, um bom espaço dentro da publicação e tem uma cobertura menos densa e, talvez, mais interessante para os leitores. O fato de essa ser a primeira cobertura da turma, ainda dá mais importância e visibilidade para o evento escolhido, que é destinado ao mesmo público leitor da ME.

Se pensarmos, de forma hipotética, que o grande objetivo da Mundo Estranho era auxiliar dois jovens da turma que apresentavam dúvidas na escolha profissional a tomarem uma decisão, o texto final com as falas dos leitores seria uma demonstração de sucesso. Por outro lado, se a ideia era apresentar aos demais leitores da revista como é a “Feira Guia do Estudante”, o resultado pode ser considerado insatisfatório. Essa escassez de informação sobre o processo desenvolvido com os jovens da Turma do Fundão também será encontrada em outras categorias. O que se pode destacar, pela observação do material, é o desejo de utilizar a marca TdF para publicar uma reportagem com conteúdo institucional. Os jovens da Turma do Fundão foram acionados em uma cobertura que seria publicada pela Mundo Estranho mesmo sem a sua presença. Mais do que reforçar o conteúdo editorial com opiniões de leitores fiéis, a Mundo Estranho quer a presença dos

membros da Turma do Fundão como uma forma de reforçar a imagem da publicação/Editora e, ainda, a proximidade que mantém com os leitores.

As demais aparições do selo TdF desta categoria vieram sempre acompanhadas da palavra “conferiu”, e indicam a análise de um TdF sobre determinado produto cultural. Estes selos sempre apareceram na seção “Xis Tudo” (Anexo 2). Apenas a revista de outubro de 2010, que teve a cobertura da feira, e a de maio de 2011 não contaram com nenhum selo deste tipo. Nas outras nove, os jovens comentaram lançamentos de filmes, livros ou seriados. Em cada edição, um ou dois jovens estiveram na seção “Xis Tudo” com um selo “*TdF conferiu*”, que também traz uma foto do jovem (Figura 2, Figura 3 e Figura 4) que analisou o produto em questão. A pose da foto costuma seguir a direção do posicionamento do jovem. Expressão pensativa ou sorriso no rosto reforçam o que está escrito, também sem aspas, pelos membros da TdF.



Figura 2



Figura 3



Figura 4

Alguns dos comentários são bastante simples, como no caso das análises de filmes, muito próximas de uma sinopse de filme divulgada pelo promotor da película e que pode ser encontrada com uma pesquisa simples na internet. Em outros casos, os jovens dão opiniões um pouco mais particulares. O espaço dedicado a isso, no entanto, costuma ser parecido, em torno de 330 caracteres sem espaço, acompanhados de uma imagem do objeto analisado. Como na fala atribuída a Bruno, na edição número 105, de novembro de 2010:

A animação conta a história do jovem coruja Soren. Ele é capturado e vai parar em uma colônia de corujas do mal, que querem dominar o mundo. Ao escapar ele sai em busca dos lendários guardiões de Ga'Hoole – os únicos que podem deter a tirania e estabelecer a paz. O filme é direcionado ao público infanto-juvenil, mas é um pouco forte para crianças. No geral, o enredo é bonito e a animação muito boa. Vale a pena conferir.

Na publicação de fevereiro de 2011, dois TdFs, Alexia e Matheus assistiram a um mesmo filme, chamado “Desenrola”²⁷. Porém, apenas um texto foi publicado com características muito semelhantes às das sinopses usadas, de modo geral, na divulgação dos filmes. Embora o texto seja escrito em um tom informal, não há muitas marcas de oralidade ou palavras que expressem apreciação, é difícil reconhecer a opinião dos jovens sobre o longa-metragem e, ainda, certificar-se de que foram eles mesmos que escreveram o que foi publicado. Um registro importante é, novamente, a ausência de aspas:

Fala sobre um grupo de adolescentes lidando com as dúvidas, polêmicas e alegrias da primeira transa – uns sabem se prevenir, outros são descuidados. Mas nada naquele clima de aula de educação sexual: a história é dinâmica, divertida e até romântica. Mais importante, os próprios jovens resolvem seus conflitos. No elenco, várias participações especiais, como Kayky Brito, Juliana Paes e Marcello Novaes.²⁸

Também é possível questionar se os dois concordariam sobre as poucas opiniões expostas no trecho, como de que a história é contada de forma dinâmica e diferente das aulas de educação sexual ou, ainda, de que é importante os próprios jovens resolverem seus conflitos. O formato da participação, estabelecido pela revista, não permite concluir questões importantes sobre o processo de “análise” dos produtos culturais. É possível pensar, então, na possibilidade de os jovens apenas terem “consumido” os produtos para que a revista pudesse colocar mais um selo TdF na publicação, uma vez que os comentários não são realmente pessoais e opinativos.

A opinião real dos jovens poderia, também, não ser acatada pela publicação, visto que a imensa maioria dos comentários elogia o que foi analisado. Os jovens até indicam o público que provavelmente vá gostar mais de um determinado produto. Por exemplo, neste trecho do jovem Leornado, na edição 112, de Junho de 2011: “**Se sua seção favorita da ME é o Curto e Grosso, você vai curtir 90 Livros Clássicos para Apressadinhos**”. Porém, em nenhuma das nove edições um garoto ou garota disse que o produto conferido era péssimo, logo não deveria ser lido ou visto pelos demais leitores. Não há, nos 13 registros do selo “conferiu” um único jovem que afirme que não gostou, critique ou argumente contra o produto cultural em questão.

A ausência de crítica nestes selos por parte dos leitores pode nos levar a diferentes interpretações que começam na seleção do grupo que iria compor a Turma do Fundão. O

²⁷ Filme coproduzido pela Globo Filmes, ano 2010, direção de Rosane Svartman.

²⁸ Conteúdo publicado na página 62 da edição 108, de fevereiro de 2011.

processo seletivo pode ter privilegiado jovens com opiniões parecidas com as defendidas pela publicação. Por outro lado, e talvez essa hipótese seja mais viável, a escolha dos produtos culturais que cada garoto ou garota analisaria pode ter levado em conta o gosto de cada um. Dessa forma, os jovens só analisaram filmes, livros ou séries que já eram do seu agrado. Podem ter recusado ler um livro que imaginavam que não gostariam ou podem apenas ter recebido materiais mais alinhados com seus gostos, conhecidos pela equipe da revista desde a seleção. O resultado, então, não poderia ser muito diferente, com os membros da TdF aprovando todos os produtos culturais analisados.

Mais do que saber como foi o processo que fez com que o resultado final fosse uma aprovação unânime de todo material analisado pelos jovens, o importante é pensarmos o que esse resultado significa. Para a publicação, a presença de um grupo de leitores com idade inferior aos jornalistas que trabalham na redação, ávidos por participar e contribuir para a revista não transformou, de forma prática, o material produzido por ela. As características inovadoras de uma juventude, que tem uma identidade fragmentada, conforme Hall (2006), poderiam ter sido transpostas para a publicação.

No entanto, o que se vê nesta primeira categoria são participações que marcam a presença dos TdFs na revista, sem apresentar um material transformador. A crítica favorável de todos que leram ou assistiram algum produto cultural é um bom exemplo disso. O olhar desse grupo de leitores que, em tese, representa a maioria dos leitores da revista poderia ter alterado os produtos culturais que são apresentados pela revista, por exemplo. Ao invés da Mundo Estranho aproveitar a opinião de cada jovem para melhorar seu material, aproximando-se ainda mais dos leitores adolescentes, ela optou por reforçar o que já publica. Situação semelhante já foi descrita por Arócha (2009) em seu estudo sobre conselhos de leitores, e o mapeamento da categoria *Participação de Apuração* nos fornece indícios de que a participação da Turma do Fundão é estratégica para a revista Mundo Estranho.

B) Participação de Sugestão

A posição dos membros da Turma do Fundão que remete à um pauteiro, reforçada pela palavra “sugeriu” junto ao selo TdF, esteve presente em dez das 11 edições observadas por essa pesquisa. Apenas a primeira edição, de outubro de 2011, não contou

com o selo que remete a ideias e desejos dos jovens transpostos no periódico. Nessa categoria, garotos e garotas sugerem temáticas que acabam se transformando em reportagens na Mundo Estranho e a ação é marcada pelo selo “*TdF sugeriu*” (Figura 5 e Figura 6).



Figura 5



Figura 6

Dos dez selos analisados, oito estão em uma mesma seção, chamada “Perguntas e Respostas” (PeR). Esse espaço publica prioritariamente perguntas e respostas das mais diversas temáticas. Em alguns casos, os questionamentos são enviados por leitores comuns, que não fazem parte da TdF, enquanto em outros a própria redação elabora a pergunta e a resposta. É nessa seção, também, que algumas das sugestões feitas pelos membros do grupo ocuparam um espaço relativamente grande, como duas páginas inteiras da publicação.

A marca “*TdF sugeriu*” apareceu pela primeira vez na edição 105, de novembro de 2010, quando Daniella apontou um tema para a seção fixa “Mapa Estranho”. Nesta parte da revista uma temática costuma ser explicada em duas páginas por meio de um infográfico. A reportagem em questão buscou desvendar como os emails são transmitidos e que caminhos costumam percorrer na malha de dados digital. A sugestão de Daniella está marcada apenas pelo selo, o que impossibilita precisar o que efetivamente a jovem sugeriu e se a ideia da garota já era colocá-la nessa seção específica. Em 11 meses, essa foi a única vez que a “Mapa Estranho” abrigou qualquer um dos selos da Turma do Fundão.

A revista número 114, de agosto de 2011, trouxe uma situação semelhante, onde o membro Ayrton sugeriu uma temática para ser discutida na seção “Duelo”, que coloca duas questões frente a frente, pontua cada uma e apresenta um resultado final. No caso, o

embate proposto pelo jovem comparava duas modalidades de lutas marciais, o boxe²⁹ e o UFC (Ultimate Fighting Championship³⁰). Em março do mesmo ano, o garoto Philippe apareceu com esse mesmo selo na seção “Debate Que Eu Gosto”, que expõe prós e contras de uma mesma temática, no caso, a Copa do Mundo de Futebol, “*Vale a pena o Brasil sediar a Copa de 2014?*”. Nessas duas seções também não é possível delimitar com exatidão a proposta do leitor da TdF, pois há apenas um selo de pouco mais de dois centímetros com o nome e a foto de cada garoto em um canto da página (Anexo 3 e Anexo 4).

As oito demais aparições dos membros do grupo são transpostas como perguntas na seção “Perguntas e Respostas” (PeR). Diferentemente das sugestões enviadas para a redação por outros leitores, em que o nome do leitor aparece ao lado da palavra “pergunta”, indicando sua origem, com os membros da TdF isso não ocorre. Mais uma vez, apenas a presença dos selos indica que a pergunta foi feita pelos jovens integrantes do selo. As temáticas são variadas, como podemos ver a seguir, nas oito questões marcadas pelo selo TdF: “*Qual foi a primeira banda de rock?*”, “*Animais se apaixonam?*”, “*Como funciona um telescópio?*”, “*Como serão as cidades daqui a cem anos?*”, “*Sexo com piercings é perigoso?*”, “*Quem definiu o tamanho das horas e dos minutos?*”, “*Quem inspirou a Lei Maria da Penha?*” e “*Para que serve o hímen?*”.

Apenas duas delas, a que questiona as cidades do futuro e a que busca a origem das horas e dos minutos, ganharam uma resposta maior que uma página. Nas edições 109 e 111, de março e de maio de 2011 respectivamente, as duas perguntas foram respondidas em matérias de duas páginas inteiras.

Ao analisar essa categoria mais a fundo, verificando quantas aparições ocorreram neste período e como elas foram mostradas, é difícil identificar qual é a diferença entre os membros da Turma do Fundão e os leitores tradicionais. Isso porque a grande maioria das participações se dá por meio de perguntas e a Mundo Estranho já era conhecida, antes da criação do grupo, por receber e responder perguntas dos leitores. Isso fica mais evidente, é claro, quando falamos da seção “PeR”, que publica as sugestões em forma de questionamento. Assim, é possível pensar que todas essas dúvidas marcadas pelo selo “*TdF sugeriu*” poderiam ter sido enviadas pelo *site* da revista - aberto para a participação de todos os leitores.

²⁹ Modalidade olímpica de esporte de combate.

³⁰ Organização de prática de artes marciais mistas.

Desta forma, se oito das 11 aparições deste selo ficaram restritas a uma mesma parte do suplemento, que já costuma receber e responder perguntas de leitores, podemos refletir sobre o motivo que leva esse grupo seletivo a estar ali. O desejo que o grupo apareça na revista e reforce o processo de identificação dos outros leitores é uma possibilidade. Quanto mais os membros da TdF aparecem na publicação, independente do que fazem, mais força e legitimidade são atrelados à eles e, conseqüentemente, à revista. Questões como essa, remontam ao que Arócha (2009) propõe em sua análise do conselho do leitor do jornal Zero Hora. Segundo ela, o grupo serve mais para reafirmar as decisões do jornal do que efetivamente tem voz para se expressar. Na Mundo Estranho, isso fica evidente quando os jovens da Turma do Fundão participam, com frequência, de espaços que já estavam disponíveis para eles antes de comporem o grupo.

C) Participação de Opinião

Além de sugerirem temáticas para serem discutidas na publicação, os integrantes da Turma do Fundão costumam participar oferecendo suas opiniões sobre os temas abordados. Na categoria *Participação de Opinião*, a função dos garotos lembra a exercida por colunistas ou cronistas de opinião, aprovando ou desaprovando determinados temas principalmente em duas seções: “Duelo” e “Debate Que Eu Gosto”.

A “Duelo”, como já explicamos, é uma espécie de disputa entre dois temas – *games* e cinema, por exemplo – que avalia prós e contras e pontua o “vencedor” (Anexo 3). Fora dessas disputas, em um canto da página, normalmente o superior, um TdF é convidado para expressar sua opinião. Em uma frase, os jovens costumam dizer em que lado ficam, ou seja, qual tema levantado acreditam que é o melhor. Nesse caso, a foto do garoto ou garota vem acompanhada do selo “*TdF opinou*” (Figura 7 e Figura 8). Na Duelo, os jovens apareceram sete vezes durante os 11 meses analisados.



Figura 7



Figura 8

Apenas na primeira aparição, em novembro de 2010, a frase de opinião veio sem aspas e com um pequeno título que indicava o posicionamento de Magno: “*eu prefiro a fórmula 1*”. Nos selos seguintes, as frases da turma, que costumam ser curtas, ocupando apenas três linhas recuadas, apareceram com aspas e sem títulos. As disputas propostas pela seção neste período foram: “Fórmula 1 *versus* Indycar”, “*games versus* cinema”, “A Fazenda *versus* Big Brother Brasil”³¹, “solteiros *versus* casados”, “inglês *versus* espanhol”, “escola *versus* faculdade” e “arroz *versus* feijão”. Em todas elas, uma opção sagra-se “campeã”, pontuando mais no placar, na parte inferior da página. A opinião dada pelo TdF permanece no canto superior, sem interferir no resultado final de nenhuma forma. Não há, inclusive, nenhuma referência à participação do membro do grupo no texto feito pelos repórteres. Em todas as edições, a opinião levantada pelo TdF coincide com o tema que mais pontua, vencendo a disputa.

A outra seção onde o selo que remete à opinião aparece é “Debate Que Eu Gosto”. Diferentemente da “Duelo”, que falamos até aqui, na “Debate”, como passaremos a nos referir, os jovens estão inseridos na reportagem. Dividida em “sim” e “não”, a página dedicada ao debate responde, com argumentos opostos, uma mesma pergunta, normalmente polêmica. A obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas brasileiras, a distribuição do kit anti-homofobia e o uso de células-tronco embrionárias em pesquisas foram alguns dos temas discutidos com a participação dos jovens. No período analisado, 16 selos “TdF opinou” marcaram a publicação em 8 edições. Como a “Debate” é

³¹ A Fazenda é um reality-show brasileiro, produzido pela Rede Record, que coloca um grupo de famosos em contato com a vida no campo em busca de um prêmio em dinheiro. O programa Big Brother Brasil é a versão brasileira para um reality-show feito pela produtora Endemol. A Rede Globo é quem produz o programa que confina um grupo de pessoas, vigiados 24 horas por dia, também em busca de um prêmio em dinheiro.

organizada em “a favor” e “contra”, as páginas sempre contaram com a participação de dois jovens com opiniões opostas e, então, um selo para cada um deles.

Sempre são apresentados quatro argumentos a favor e quatro contra. Na organização do conteúdo, os membros da TdF ficaram posicionados, em todas as edições, no quarto quadrinho, na parte inferior da página, que algumas vezes aparece em outra cor (Anexo 4). Como o selo também têm uma foto do garoto ou da garota que opina, as poses colaboram para a construção de sentido. Quando a opinião é a favor, os jovens fazem sinal de positivo, sorriem ou olham para cima, de forma afirmativa (Figura 10). Ao contrário, nos momentos de desaprovar algo, os mesmos jovens posam para as fotos com as mãos fazendo sinais de negação, com os polegares para baixo (Figura 9). Os que optam pelo não também costumam fazer “caretas” em sinal de desaprovação.



Figura 9



Figura 10

Ao longo das reportagens, a argumentação é sustentada com estatísticas. O que causa estranhamento é que, muitas vezes, o quadro que tem o selo TdF também traz números, como a porcentagem de ateus no Brasil ou a quantidade de estudantes que não usa camisinha. Como os textos não são apresentados entre aspas, é difícil afirmar se realmente foram escritos pelos jovens. Porém, há frases, também sem aspas e em primeira pessoa, referindo-se ao cotidiano deles, como na edição 105, de novembro de 2010, sobre o ensino religioso, “**Na minha escola, lemos a Bíblia**”, que trazia o texto ao lado da foto de Georgios, supondo que o texto teria sido escrito pelo próprio garoto.

Por outro lado, pode-se pensar que a partir da opinião de cada jovem a redação elaborou um texto para figurar como opinião do leitor. A ausência de referências ao processo de produção, a falta de aspas ou recursos como a linguagem oral nos trechos colocam dúvidas sobre a elaboração do material. A frase que acompanha o selo do TdF

Philippe Menezes, na edição 107, de janeiro de 2011 (Anexo 4), que discutia a distribuição de camisinhas nas escolas, reforça essa possibilidade:

Segundo pesquisa da Unesco, encomendada pelo governo brasileiro, o principal motivo alegado por 42% dos estudantes para não usar camisinha é não tê-la na hora H. Além disso, 9,7% deles dizem não ter como comprá-las. Distribuindo preservativos aos alunos, a escola evita que eles façam sexo sem segurança e ensina que é melhor prevenir do que remediar.

Existe a possibilidade de os jovens terem pesquisado determinados dados, mas ela não é evidente e não pode ser inferida pela apresentação do conteúdo. A revista ME de abril de 2011, edição 110, quando a seção “Debate” discutiu o uso de células-tronco embrionárias em pesquisas, reforçou ainda mais a ideia citada anteriormente, de que a própria redação produz os textos. Isso porque a sequência reproduzida em referência à leitora Beatriz Afonso trazia dados técnicos e específicos: *“Sempre se esquecem de mencionar que essas células podem se transformar em qualquer tecido, inclusive câncer. É o que se chama de **propriedade tumorogênica**”*. Já na edição 107, de janeiro do mesmo ano, a discussão era o uso de remédios para emagrecer e o texto colocado ao lado do leitor Jean Rocatelli começava assim: *“Para muitos **pacientes**, a estética acaba pesando mais do que a saúde. Antes de apelar a remédios, é preciso adotar uma dieta equilibrada e exercícios físicos”*.

Como especialistas são consultados para elaborar esse material (as fontes são, inclusive, citadas em alguma parte da página), esses trechos reforçam a ideia de que as informações são apurações da redação, oferecidas por algum médico ou pesquisador. O uso das palavras “paciente” e “tumorogênica” colabora na argumentação de que o texto tenha sido escrito pelo repórter que assina a coluna, sem a efetiva colaboração dos jovens da Turma do Fundão, além de seu posicionamento opinativo sobre o tema. Em outras edições, entretanto, há verbos na primeira pessoa e, inclusive, o pronome pessoal “eu”, como na edição 113, de julho de 2011, quando Alexia Aslan diz *“A escola é um ambiente em que o convívio sem preconceitos deve ser priorizado. Eu apoio a distribuição de panfletos para informar e conscientizar as pessoas sobre homossexualidade e variedade de opções sexuais”*.

A observação da forma de apresentação dos conteúdos pela revista, com a ausência de qualquer esclarecimento da redação sobre o processo de produção do material da

“Debate”, acaba gerando diferentes consequências. Entender que os textos são escritos pelos próprios jovens, que é o que se pensa em uma primeira leitura, a partir de fontes como a Unesco e o IBGE, reforça a credibilidade do que é dito e salienta características de um trabalho de apuração, construindo os integrantes da TdF como inteligentes e esforçados, membros de um grupo seletivo. Eles só estão ali, num espaço considerado nobre, com nome e foto, porque opinam com propriedade. Por outro lado, a inserção de uma linguagem técnica descaracteriza o que poderia ser a visão pessoal de um grupo como a Turma do Fundão sobre a questão. A descrição do desenrolar dessa categoria denota, ainda, uma assimetria nas relações entre leitor e jornalista (BENETTI; HAGEN, 2010). Isso ocorre quando a proximidade entre os dois não é efetiva, já que os jornalistas reafirmam o que fazem inúmeras vezes, mas os leitores não interagem efetivamente, não deixando claro seu posicionamento. Como podemos ver até aqui, ao longo das três primeiras categorias, a Mundo Estranho não faz dessa participação algo transparente, deixando essa assimetria ainda mais evidente.

A presença dos jovens é marcada, de um modo mais claro, graficamente. Existe a sigla TdF, os selos espalhados na publicação e as fotos do grupo. Em menor proporção, está a participação efetiva no conteúdo. A inovação ou, até mesmo, uma descontração, quase não é percebida. Os jovens da Turma do Fundão estão nas páginas da Mundo Estranho muito mais como uma estratégia de construção da imagem da revista do que para efetivar a colaboração editorial. Isso é reforçado quando verificamos que a maioria das participações feitas pelo grupo poderia ter sido escrita por qualquer jornalista da redação ou, até mesmo, por leitores participativos, que não tivessem passado por nenhum processo seletivo. Morar na capital paulista, caso da maioria, não é algo determinante, já que muito é feito via Internet.

D) Participação de Avaliação

Participar da Mundo Estranho como avaliador, que aprova ou desaprova o conteúdo publicado, também é uma forma utilizada para marcar a participação dos membros da Turma do Fundão. Em duas seções, que compreendem a quarta categoria, esses jovens costumam comentar e avaliar o conteúdo publicado em espaços também abertos para os demais leitores. Na seção “Caixa Postal-Twittadas”, os TdFs aparecem através do que

comentam no microblog Twitter. O espaço pretende salientar o que “os fãs” estão publicando nessa rede social sobre a revista. Assim, alguns comentários são transpostos para a publicação e, dentro desses, um ou dois são marcados pelo selo TdF. O espaço remonta às tradicionais áreas de cartas dos leitores, com a diferença de que alguns, no caso os membros da turma, ganham destaque.

Durante o período avaliado, apenas cinco selos foram publicados na Twittadas³². Desse total, dois fazem uma simples relação com outra seção de avaliação da revista, que será tratada em seguida, a “Avalie a Revista”. “*Estou no MSN com a redação da ME. É tão bom fazer parte da @turmadofundao*”, afirmou Magno em um deles. Outros dois se referem à chegada da revista nas bancas ou em casa, para assinantes, como escreveu Alexia: “*Saiu a edição de outubro da ME! Está muito meiga. Adorei!*”.

Apenas um entre os cinco comentários aponta algo que poderia ter sido feito em uma reportagem da revista. Na edição de outubro de 2010, Caio propõe outro exemplo de psicopata que poderia ter sido incluído em uma reportagem sobre o tema, na edição anterior: “*@caiolibe A matéria sobre psicopatas poderia ter pegado o Maníaco do Parque*”. Como já ocorreu em outras categorias, a participação nesta seção poderia ser feita por qualquer leitor e usuário do Twitter, sem uma distinção aos membros da Turma do Fundão.

Ao analisar a seção “Avalie a Revista”, pode-se concluir, por outro lado, que o fato de estar na Turma do Fundão é algo que traz algumas vantagens para os participantes, mesmo que não especificadas. Isso porque para um leitor participar de uma conversa com a redação por MSN é preciso se inscrever pelo site e ter sua resposta selecionada. As instruções na página afirmam que apenas cinco leitores serão selecionados. A advertência realmente é cumprida, mas os TdFs que são incluídos na conversa não estão entre esses cinco leitores, levantando para sete ou oito jovens conversando com a redação.

Após o bate-papo, a ME publica, segundo definição sua³³, “*o que a galera disse sobre a última edição*”. Durante o período avaliado, apenas a edição de outubro de 2010 não contou com membros da TdF na seção. A participação das demais, somou 21 selos, o maior número entre todas as seções das revistas. Nesse espaço, a sigla TdF aparece ao lado da opinião do jovem, sem foto ou nome (Figura 11). O retângulo em que aparecem as

³² Edições 104, de outubro de 2010; 105, de novembro de 2010; 111, de maio e 112, de junho de 2011.

³³ Seção Digital - Avalie a Revista, como pode ser visto na página 71 da edição 110 de abril de 2011.

opiniões é igual para membros do grupo e leitores convencionais, o que muda é apenas o selo na lateral, algo que lembra uma espécie de carimbo.



Figura 11: destaque da seção “Digital - Avalie a Revista”

Cada selo representa um comentário sobre a revista. Dos 21 analisados, somente cinco apresentaram críticas à publicação. A porcentagem de textos que aponta possíveis melhorias ou ações que poderiam ter sido exploradas de outra forma é muito baixa. E isso também ocorre, como já vimos, na seção “Caixa Postal-Twitadas”. Ao ler o conjunto dos comentários, o que se conclui é que o espaço serve mais para reforçar um conceito de Arócha (2009) já destacado nessa pesquisa: mais do que opinar livremente, esses espaços servem para a revista reforçar que faz as escolhas corretas em suas páginas. Além disso, o fato dos espaços serem fixos, inclusive no número de participantes, colabora para uma identidade de revista que ouve seus leitores, algo que é produzido pela própria Mundo Estranho sobre ela mesma.

A seguir, veremos como se deu o processo seletivo da segunda Turma do Fundão, em 2011. Dados discutidos pela redação no blog, criado para a seleção, ajudam a mapear o movimento de construção de uma identidade do leitor, como efetivada pela revista. Os materiais institucionais, também serão analisados, na busca por compreender como é representada essa identidade.

4.3.2 Turma do Fundão 2011: o processo seletivo

Para compreender como a identidade do leitor da Turma do Fundão é representada na Mundo Estranho é fundamental que se foque atenção, também, na seleção desses jovens. Por isso, o processo de seleção da Turma do Fundão 2011³⁴, acompanhado e divulgado no blog³⁵ Turma do Fundão, foi objeto de observação dessa parte da pesquisa.

Um primeiro objeto de análise, que permite a observação das características buscadas pela revista em seus leitores, é a ficha de inscrição para a TdF 2011. As inscrições podiam ser realizadas apenas pela internet, no site da revista, através do preenchimento de um questionário (Anexo 5³⁶). Esses foram os primeiros dados exigidos pela ficha: nome completo, idade, endereço completo, telefones para contato, blog, orkut, twitter.

Em seguida, o formulário faz 14 perguntas aos leitores:

- 1- Qual é o seu seriado favorito?
- 2- Se você pudesse ser um super-herói, qual seria?
- 3- Para você estudar é...
- 4- Qual é o seu game favorito?
- 5- Quantas horas você fica online por dia? E fazendo o quê?
- 6- Qual rede social você participa mais? Por quê?
- 7- Se você pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
- 8- Você pratica algum esporte? Qual?
- 9- Quais as 5 coisas mais legais do seu quarto?
- 10- Qual foi a coisa mais nojenta que você já fez?
- 11- Qual foi a sua matéria preferida da ME? Por quê?
- 12- Se você tivesse R\$ 500,00 reais para gastar, com o que gastaria?
- 13- Qual foi o pior pesadelo que você já teve?
- 14- Por que você quer ser da Turma do Fundão?

³⁴ Consideramos Turma do Fundão 2011, o grupo que começou a ser selecionado em junho de 2011 e foi definido e apresentado em setembro do mesmo ano.

³⁵ Informações disponíveis em mundoestranho.abril.com.br/blogs/turma-do-fundao/. Acesso em: Outubro de 2011.

³⁶ Obtido por email com a jornalista Giselle Hirata, coordenadora do blog TdF.

No dia 4 de julho de 2011, o blog Turma do Fundão³⁷ estreou sob o comando da jornalista Giselle Hirata. O primeiro post, “O novo fundão da ME” apresenta o que seria o objetivo da página: acompanhar os bastidores do processo seletivo e, com a nova turma anunciada, permitir que os TdFs publiquem materiais no blog. Essa postagem já traz um dado revelado na avaliação das fichas de inscrição e apresentado em um infográfico (Figura 12³⁸) - o número de meninas e de meninos inscritos. Das 1,6 mil fichas recebidas, 59,7% eram meninos e 40,3% meninas.

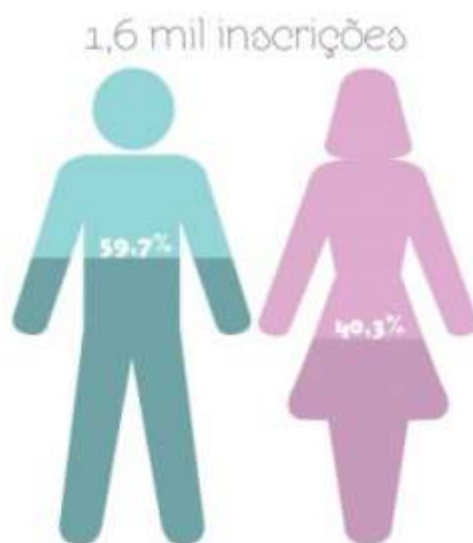


Figura 12

A revista destaca, no entanto, o impacto que esses números teriam causado na redação: “*Em um mês de inscrição, recebemos fichas de todos os estados do Brasil. E uma surpresa: as meninas participaram em peso (veja gráfico ao lado). Que coisa, né? E todo mundo dizendo que só os meninos leem a Mundo Estranho.*” [destaques nossos]. Esse é o primeiro dado apresentado no blog e importante para se compôr a identidade dos leitores destacada na revista e em seus demais canais, embora o número alto de inscritos não pareça levar a um questionamento sobre uma provável expansão do público leitor da publicação. Na descrição da revista no site da PubliAbril³⁹ e no portal do núcleo jovem da

³⁷ Informações disponíveis em mundoestranho.abril.com.br/blogs/turma-do-fundao/. Acesso em: Outubro de 2011.

³⁸ Informações disponíveis em <http://mundoestranho.abril.com.br/blogs/turma-do-fundao/o-novo-fundao-da-me/>. Acesso em: Outubro de 2011

³⁹ Informações disponíveis em www.publiabril.com.br/marcas/mundoestranho/ Acesso em: Outubro de 2011.

editora, o Njovem⁴⁰, a ME é apresentada como uma revista para garotos. Ao descrever a Turma do Fundão, por exemplo, o Njovem reforça essa ideia: “A ME seleciona anualmente um grupo de garotos que representam os seus leitores” [destaques nossos].

O segundo post, “Geração Saúde? #NOT”, do dia 5 de julho, remete à oitava pergunta da ficha de inscrição: “Você pratica algum esporte? Qual?”. A grande maioria, respondeu “nenhum”, conforme mostra o gráfico (Figura 13⁴¹) publicado no blog. Em seu texto de abertura, Giselle ainda afirma que “levantamento de garfo, digitação, jogar videogame, virar a página do livro e caminhada do sofá até a cama” estão entre os esportes mais citados. Mas é no post seguinte, do dia 6 de julho, “Só na jog@tin@!”, que os dados sobre esporte, apresentados no dia anterior, são comentados e hierarquizados: “Já que os nossos TdFs não são muito chegados no esporte, vamos falar **do que realmente interessa: games!**” [destaques nossos]. A postagem “A última da semana”, do dia 5 de agosto, reafirma isso ao apresentar os jogos eletrônicos preferidos dos selecionados, com o seguinte comentário: “É bom que vocês saibam que a maioria dos TdFs 2011 é **viciada em joguinhos...**” [destaques nossos].



Figura 13

⁴⁰ Portal (<http://www.njovem.com.br/>) feito para o mercado publicitário, apresentando as publicações jovens da editora Abril. Dentre elas, está a Mundo Estranho.

⁴¹ Informações disponíveis em http://mundoestranho.abril.com.br/blogs/turma-do-fundao/geracao_saude/. Acesso em: Outubro de 2011.

Ao apresentar as respostas para a primeira pergunta do questionário (Qual é o seu seriado favorito?), no post “Bazinga, TdF” do dia 7 de julho, a revista também mostra o que imagina sobre seu leitor e suas preferências. Os números e o gráfico revelam que os dois primeiros colocados são, respectivamente, “*The Big Bang Theory*”⁴² e “*Supernatural*”⁴³. Outras séries apareceram nas fichas de inscrição e é ao falar sobre isso que o post reforça a identidade de um leitor que a publicação entende que é o seu:

Sheldon, Leonard, Penny, Howard e Raj fazem o maior sucesso entre os nossos TdFs. Isso porque a galera de *The Big Bang Theory* é *bem a cara do leitor da ME*, né? Pois é. Então *imaginem o que a gente pensou quando “Hannah Montana”⁴⁴ e “iCarly”⁴⁵ começaram a ser citados* nas fichas de inscrição. *Um novo tipo de TdF surgindo? Claro que não!* No meio da contagem, as séries mais tradicionais, como CSI, Friends e Supernatural, tomaram a liderança. *Ainda bem...* [destaques nossos].

As duas séries que surpreenderam a redação são supostamente para um público mais jovem do que o proposto como leitor da ME, são consideradas “mais infantis” e, ainda, destinadas ao público feminino. Isso leva a crer que, para a Mundo Estranho, quem gosta da revista tem um perfil específico, preferindo os seriados com perfil de público masculino, com enfoque em curiosidades, tecnologia ou ciências. As meninas até podem figurar entre os leitores, desde que não sejam, digamos, femininas demais, como as leitoras da revista Capricho - onde o seriado Hannah Montana já foi destaque -, que leem sobre comportamento e assistem a seriados com tramas românticas. A postagem do dia 4 de agosto, chamado de “3ª dica!”, que mostra as séries mais citadas pelos selecionados para a TdF (naquele momento ainda não divulgados) reforça essa ideia. Isso porque a maior parte dos selecionados afirma que “*The Big Bang Theory*” é o seu seriado favorito.

Ao analisar o tempo em que os leitores permanecem conectados à Internet (pergunta 5 do questionário), os números sobre atividade física voltam à tona. No post

⁴² Produzido pela americana Warner Bros, o seriado se passa na Califórnia e tem dois físicos nerds e uma garçonete loira como personagens principais.

⁴³ Série produzida pela americana The WB, conta a história de dois irmãos que caçam demônios e outras criaturas supernaturais.

⁴⁴ Seriado transmitido pelo Disney Chanel nos Estados Unidos conta a vida dupla de uma garota que é que, ao mesmo tempo, a adolescente Miley e a *popstar* Hanna Montana.

⁴⁵ Série que conta a vida de um grupo de adolescentes em um colégio. É transmitida pelo canal Nickelodeon.

“TdF.com”, do dia 11 de julho, a maioria dos inscritos (17 %) afirma ficar conectado durante três horas no dia (Figura 14⁴⁶).

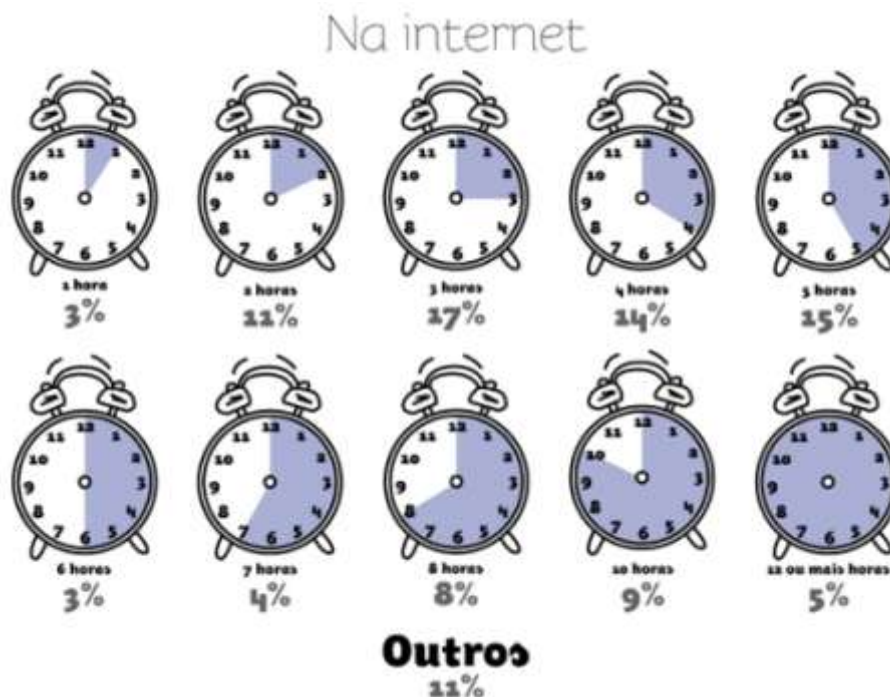


Figura 14

Como se pode ver no trecho a seguir, a revista considera importante que seus leitores estejam conectados, inclusive porque investe em diferentes formas de interação *online*.

Caiu na rede, viciou! Deu para ver que a galera não resiste a um computador e passa horas na internet... muito bom! *Nós gostamos de TdFs conectados*. Mas, sem exageros, né? Tem gente que fica MAIS DE 12 HORAS na net!!! Isso sem falar daqueles que ficam online 24 horas por dia – pelo computador e pelo celular. Sério, vocês não dormem, não? *Tá explicado porque a maioria não pratica esporte...* [destaques nossos].

A forma de escrever os próprios posts do blog, com o uso de *emoticons*⁴⁷, referências da escrita utilizada na Internet, reafirma isso. A importância da Internet para a publicação ainda pode ser observada no processo seletivo para a TdF, uma vez que a parte

⁴⁶ Informações disponíveis em <http://mundoestranho.abril.com.br/blogs/turma-do-fundao/tdf-com/>. Acesso em: Outubro de 2011.

⁴⁷ Sequência de caracteres tipográficos utilizado principalmente em programas de mensagem instantânea, como Messenger, para expressar um sentimento.

inicial da ficha de inscrição elenca como informações básicas dados como *blog*, *orkut* e *twitter*, junto com nome completo, endereço e telefone. É claro que uma publicação que investe nas ferramentas online de diferentes formas, com site, aplicativo para *iPad*, conversas por MSN e Twitcam gosta de leitores conectados, como afirma o trecho do *post*. Apenas o fato de existir uma seção fixa onde a redação conversa por MSN com um grupo de leitores, já seria um motivo claro para o gosto por “TdFs conectados”. Outra pergunta do questionário – “*Quais as 5 coisas mais legais do seu quarto?*” - também é uma forma de descobrir quais aparelhos eletrônicos esse grupo de leitores têm acesso e, então, como se conecta à rede.

A postagem do dia 11 de agosto, “Companheiros de quarto”, destaca o que mais apareceu no quarto dos selecionados, que ainda não tinham sido divulgados. Os mais votados, em sequência, foram: livros, videogame, computador e, empatados em quarto lugar, notebook e televisão.

No post do dia 12 de julho, “Socializando nas redes”, os dados revelam que a maioria dos inscritos na Turma do Fundão (37%), é mais ativo no Twitter. Logo em seguida, aparece Facebook e Orkut. Ao comentar o gráfico, a jornalista Giselle, afirma que os TdFs são a “*geração tuitera*” e conta que conseguiu localizar um dos candidatos apenas pelo Twitter, depois de várias ligações e emails não respondidos. A ação da ME nas redes sociais, que cresceu entre setembro de 2010 e setembro de 2011 com a campanha “Curtiu Virou Matéria”, realizada no Facebook e comentada anteriormente, se justifica com esses dados.

Nos dias 14 e 15 de julho, as postagens “Fundão nacional” e “Idade não é documento”, respectivamente, trazem dados relevantes sobre a abrangência da publicação. No primeiro, o gráfico⁴⁸ (Figura 15) mostra um mapa do Brasil e a porcentagem de inscrições que veio de cada estado. Há participações de todos os estados, com prevalência do Sudeste (53,6%). Já o segundo, divide em faixa etária⁴⁹ (Figura 16) os 1,6 mil inscritos para a Turma do Fundão: 15% se encaixa na primeira categoria “13 anos ou menos” que se estende até “31 anos ou mais”, com 2,5% do total.

⁴⁸ Informações disponíveis em <http://mundoestranho.abril.com.br/blogs/turma-do-fundao/fundao-nacional/>. Acesso em: Outubro de 2011.

⁴⁹ Informações disponíveis em <http://mundoestranho.abril.com.br/blogs/turma-do-fundao/idade-nao-e-documento/>. Acesso em: Outubro de 2011.

TdFs no Brasil

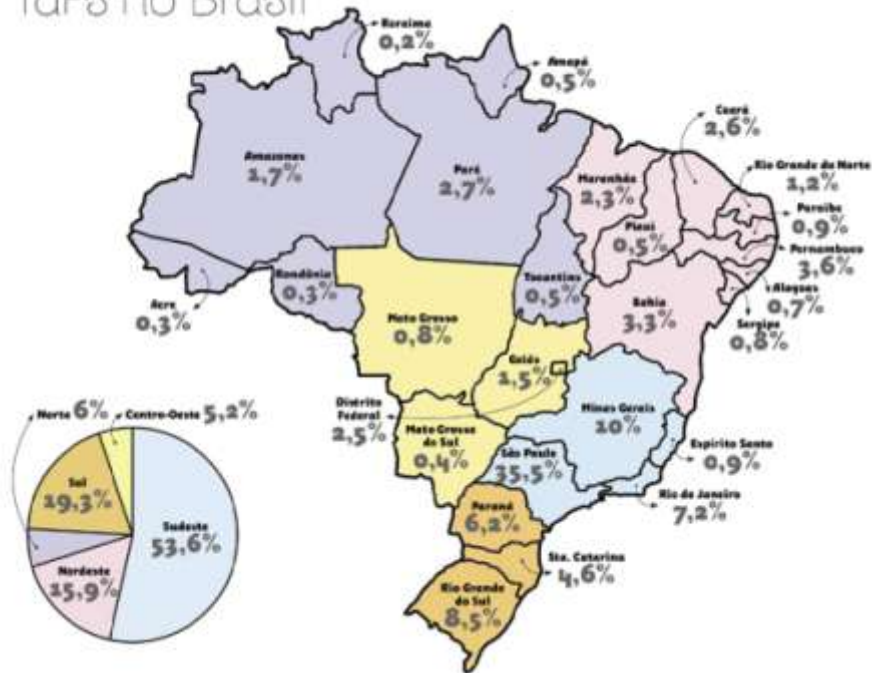


Figura 15

Idades

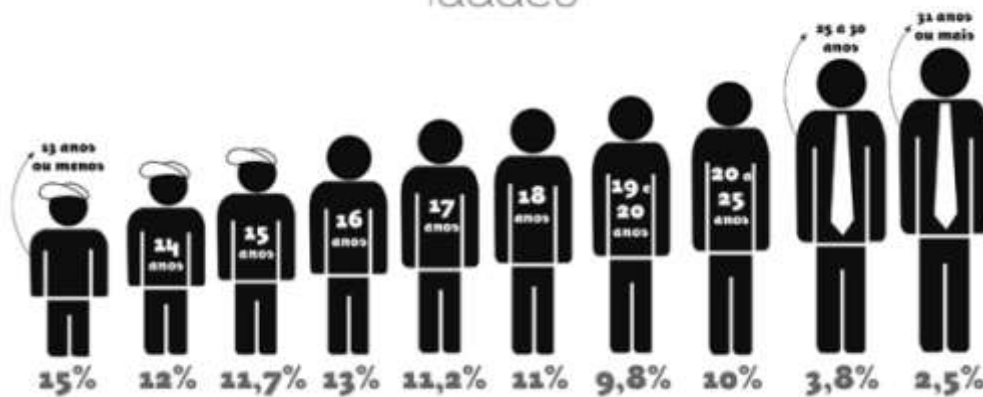


Figura 16

Para a publicação, essa faixa etária extensa de inscritos revelaria que os leitores com mais idade acompanham a revista há muito tempo. Como vemos neste trecho publicado no dia 15 de julho: *“Dá para ver que a gente consegue agradar os mais novinhos, que começaram a ler a revista há pouco tempo, e os mais velhos, que acompanham a Mundo Estranho desde que ela surgiu e não conseguem parar de lê-la.*

Viu? A ME é perfeita para todas as idades.” Embora a revista possa ser lida por diferentes faixas-etárias, é interessante observar o número relativamente alto de pessoas com mais de 25 anos que se inscreveu para a turma, 6,3% do total. No entanto, a publicação do dia 2 de agosto, “Os novos TdFs”, traz um gráfico parecido⁵⁰ (Figura 17), com as idades dos selecionados, entre 13 e 18 anos. Essa faixa etária coincide com o que a PubliAbril⁵¹ afirma sobre a Mundo Estranho: uma ponte entre as revistas infantis e adultas, que instiga os adolescentes. Nada mais óbvio, então, que a publicação escolhesse adolescentes para o grupo que pretende representar seus leitores.

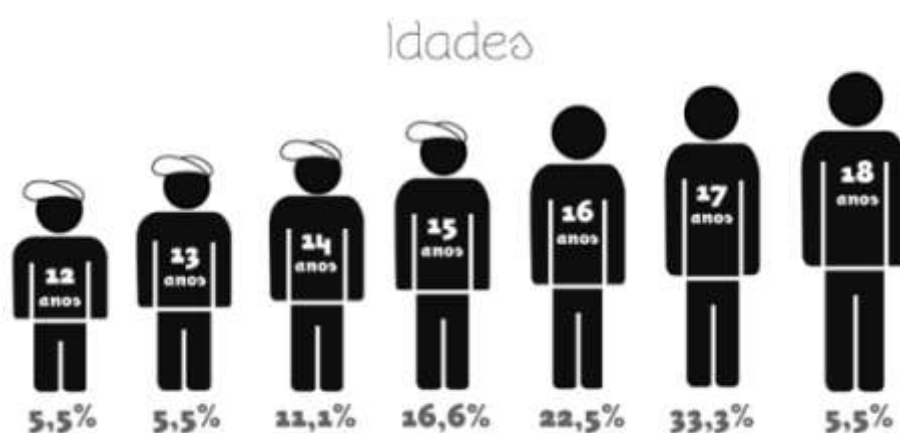


Figura 17

Já o post do dia 14, “Fundão Nacional”, além de mostrar a abrangência nacional do concurso, revela, pela primeira vez, o que a publicação espera dos jovens que serão selecionados para a Turma do Fundão. Como se pode verificar neste trecho, que reforça a ideia de que o grupo representará os demais leitores: **“E essa é a missão de um bom TdF: ser um consultor, aquele que vai dizer ‘isso é interessante’ ou ‘acho que não é uma boa ideia’ ou ‘isso vai bombar’... Esperamos encontrar bons representantes para completar o nosso time estranho! E posso falar? Tem muita gente boa!”** [destaques nossos].

Alguns dos posts seguintes seguiram esclarecendo como um TdF deve ser, de acordo com o conceito desenvolvido pela própria revista, exemplificado com a

⁵⁰ Informações disponíveis em <http://mundoestranho.abril.com.br/blogs/turma-do-fundao/page/10/>. Acesso em: Outubro de 2011.

⁵¹ Informações disponíveis em www.publiabril.com.br/marcas/mundoestranho/. Acesso em: Outubro de 2011.

participação da primeira turma. Em 15 de julho, a postagem “O que é ser um TdF?” também apresentou os três selos “TdF opinou”, “TdF sugeriu” e “TdF conferiu”. “*Para ser um TdF é preciso ter alguns requisitos básicos: ser curioso, crítico, participativo, estar sempre atualizado, gostar de ler e, claro, conhecer muito bem a Mundo Estranho. Afinal, quem melhor para dar pitaco na revista do que aquele que a conhece até de trás para frente?*” [destaques nossos].

Ao lado de cada selo, uma descrição e algumas dicas. Vejamos cada uma das descrições apresentadas: “*TdF conferiu – sempre aparece no X-cult com indicação de livros, filmes e séries. Tudo ‘testado e aprovado’ pela galera.*” [destaques nossos]. Ao analisar a participação dos jovens da TdF 2010, percebemos que não houve produtos culturais criticados ou reprovados pelos TdFs nesta seção, todos fizeram críticas positivas. Essa descrição do selo ajuda a compreender o porquê disso, uma vez que a revista parece desejar publicar apenas o que foi aprovado pelo grupo, o que acaba por reduzir o caráter opinativo – que pode ser positivo ou negativo - dessas participações.

O comentário ao lado do selo “TdF sugeriu”, apenas sinaliza seu significado e onde pode ser encontrado: “*Pode aparecer nas seções fixas da revista (Mapa Estranho, Debate, Duelo e PeR) e indica que aquela matéria foi sugestão de um TdF*”. O terceiro e último selo, no entanto, traz uma informação sobre como deve ser a atitude de um membro da Turma do Fundão. “*TdF opinou – os melhores argumentos aparecem no Debate e no Duelo. E não vale copiar de sites, hein?*” [destaques nossos]. A proposta de que os leitores escrevam e resenham para demonstrar o que pensam ainda é reforçado neste trecho, do mesmo post: “*Pense que se você for um TdF sua opinião vai ser lida por milhares de leitores... sacou a resposta? E para opinar você vai ter que analisar, pesquisar, resenhar...*” [destaques nossos].

O blog ainda trouxe outra postagem interessante para a nossa análise, no dia 19 de julho. Em “TdFs rock!”, a revista salienta algumas pautas em que a participação dos leitores do TdF foi fundamental: citam uma nota publicada na edição 111, de maio de 2011, que saiu apenas porque o grupo achou interessante; os personagens de capa da edição 109, de março de 2011, também foram sugestão dos TdFs; e o “Piores do Ano”, publicados na seção “Xis Tudo” da edição 106 de dezembro de 2010 foram eleitos pela Turma. É importante destacar, no entanto, que os casos citados pelo post não possuem indicação efetiva da participação dos TdFs na revista. Assim, é necessário considerar que

ao menos uma parte das colaborações dos leitores integrantes da TdF que se tornam conteúdo na Mundo Estranho não são registrados com o selo da Turma.

Embora nem todos os dados exigidos no questionário de inscrição tenham sido destacados no blog, a articulação de parte desses dados com o texto publicado na postagem nos permite concluir que a Mundo Estranho busca, por meio da seleção da Turma do Fundão, jovens que se encaixem em um padrão específico. Os TdFs têm de ser adolescentes conectados com a Internet, principalmente nas redes sociais, gostar de videogames, assistir a seriados focados em temas como ciência, mistério e tecnologia. De preferência, do sexo masculino: dos 18 jovens que compõem a Turma do Fundão 2011, apenas três são do sexo feminino. Estar atualizado com o que ocorre no mundo e ter opinião são outros fatores desejados pela publicação. Analisar esses dados nos permite aproximar-nos da múltipla identidade do jovem que lê a Mundo Estranho e é destacado em suas páginas.

4.3.3 A identidade sob o ponto de vista institucional

Na tentativa de analisar como o leitor é construído pela revista nos materiais institucionais da Mundo Estranho, essa parte da pesquisa se focará nas cartas editoriais da diretora Patricia Hargreaves e no material divulgado no portal Njovem⁵². A forma como a Turma do Fundão é citada ou descrita nesses materiais é importante para a observação de como o leitor é construído pela revista.

Intitulado “Ao Leitor” o espaço que recebe, todos os meses, os textos da diretora de redação, Patricia Hargreaves, ocupa uma página logo no começo da ME. Acima do texto, uma ilustração ou uma foto costuma destacar algo escrito por Patricia, que assina com nome, email e caricatura de seu rosto. Ao lado, a diagramação da revista posiciona uma caixa com os dados editoriais da edição em questão, colaboradores e diretores da empresa.

Durante um período de 12 meses, de setembro de 2010 a setembro de 2011, as cartas de Patricia aos leitores foram revistas por essa pesquisa. Nesses meses, a Turma do

⁵² Portal (<http://www.njovem.com.br/>) feito para o mercado publicitário, apresentando as publicações jovens da editora Abril. Dentre elas, está a Mundo Estranho.

Fundão foi citada pela diretora em sete edições⁵³. Já no Njovem, apenas dois posts, um de dezembro de 2010 e outro de julho de 2011 se referem ao grupo.

Mesmo com poucas aparições da Mundo Estranho no portal Njovem, as referências disponíveis são muito significativas para essa pesquisa. Ao apresentar a Turma do Fundão, por exemplo, o portal afirma o seguinte⁵⁴: “A *ME* seleciona anualmente um **grupo de garotos** que representam os seus leitores.” Neste trecho, a preferência pelo sexo masculino, já citada anteriormente, é reforçada. Além disso, a ideia de que o grupo representa os leitores reforça um conceito também levantado por essa pesquisa, de que ao olhar com cuidado a Turma do Fundão estaríamos, de alguma forma, focando na totalidade dos leitores da Mundo Estranho. Encontrar a identidade desse grupo e como ele é revelado na publicação é, então, uma forma de delimitar o modo como a publicação enxerga e retrata seus leitores.

No próprio Njovem e, também, no portal da PubliAbril⁵⁵ a Mundo Estranho é apresentada como uma publicação para meninos. A diretora Patricia reforça isso, então, em seu editorial⁵⁶ de setembro de 2010. Depois de salientar o recebimento de 2.046 fichas de inscrição, a jornalista afirmou “a sensação de olhar para **os meninos**, ouvi-los falar sobre a *ME*” [destaques nossos], mais uma vez referindo-se ao gênero masculino. Na carta de novembro⁵⁷, outro trecho reforça essa questão: “**Botamos os caras para ler livros, ver filmes, opinar na Duelo, sugerir pautas... Estes selos indicam quando tem TdF na parada**” [destaques nossos].

Essa bandeira masculina da publicação acaba, muitas vezes, por reforçar estereótipos, como o de que somente meninos gostam de “coisas nojentas”, que são constantemente pautas da revista, ou de que as meninas pouco se interessam por curiosidades tidas como “bizarras”. Ao analisar as fichas de inscrição de 2011, como já se falou aqui, essa característica não é sustentada, com um grande número de meninas desejando participar do grupo de leitores – o que é destacado pelo blog dos TdFs.

⁵³ São elas: edição 103 de setembro de 2010, edição 105 de novembro de 2010, edição 106 de dezembro de 2010, edição 110 de abril de 2011, edição 112 de junho de 2011, edição 114 de agosto de 2011 e edição 115 de setembro de 2011.

⁵⁴ Informações disponíveis em <http://www.njovem.com.br/nossas-marcas/mundo-estranho/turma-do-fundao/>. Acesso em: Novembro de 2011

⁵⁵ Informações disponíveis em www.publiabril.com.br/marcas/mundoestranho/. Acesso em: Outubro de 2011.

⁵⁶ Conteúdo publicado no editorial “Dona Norma”, edição 103 de setembro de 2010.

⁵⁷ Conteúdo publicado no editorial “Sorriso de Stallone”, edição 105 de novembro de 2010.

Ao mesmo tempo, esse mesmo trecho pode reafirmar os indícios levantados na primeira etapa dessa análise, sobre a aparição dos jovens na ME. Ao afirmar que a revista “*botou*” os caras em diferentes atividades e, então, espalhou os selos “TdF opinou”, “TdF sugeriu” e “TdF conferiu” ao longo da publicação, Patricia reitera a participação calculada dos membros da TdF, que foram colocados em determinados locais para cumprir uma função já idealizada pela redação.

Já a definição da TdF no Njovem⁵⁸, remete a uma maior liberdade por parte desses leitores: “*O objetivo é que eles ajudem a redação nas ideias sobre matérias e que deem suas opiniões sobre temas da revista, além de sugestões e críticas sobre as pautas*”. Ao olhar com cuidado essa participação, ao longo de 11 meses, percebemos que poucas críticas feitas pelos jovens foram publicadas. Mais adiante, o mesmo texto do Njovem reforça a proposta de conhecer seu público através da turma: “*Essa é mais uma iniciativa do Núcleo Jovem para conhecer cada vez mais o seu público, fazendo com que ele realmente faça parte das nossas publicações*”. Quando prestamos atenção no desenrolar do processo seletivo para a Turma do Fundão 2011, vemos que as postagens no blog reforçam o desejo da revista de se aproximar de um jovem que ela entende que é o seu leitor. Não do jovem que assiste “Hannah Montana”, seriado que mostra o cotidiano de uma menina, nem do jovem que não está conectado à Internet ou não gosta de games – mas os seus opostos.

A carta da edição 110, “Haja estômago”, de abril de 2011, conta que os repórteres e editores da revista teriam sido obrigados a provar as comidas estranhas trazidas na reportagem de capa, “Dietas bizarras”. Logo em seguida, ela explica a brincadeira, remetendo ao Dia Primeiro de Abril⁵⁹, conhecido como Dia da Mentira. No encerramento, Patricia agradece a um TdF: “*PS2: agradeço a ideia para esta carta ao nosso TDF Leonardo Gomes Sanchez, que participou da avaliação da revista pelo MSN e me deu a sugestão.*”

A próxima referência à Turma do Fundão só ocorre na edição 112, de junho, carta “Coisa de gente grande”. Ao informar que a revista foi premiada no Prêmio Abril de Jornalismo, como Revista do Ano, a editora narra a noite de premiação. “*Quando leu: MUNDO... nenhum de nós ouviu o resto. Lá no fundo do teatro (somos mesmo a Turma*

⁵⁸ Informações disponíveis em www.publiabril.com.br/marcas/mundoestranho/. Acesso em: Outubro de 2011.

⁵⁹ Conhecido como dia da mentira ou dia dos bobos, o 1º de Abril é um dia em que muitas pessoas contam mentiras umas para as outras, com o intuito de “pregar uma peça”.

do Fundão da editora) uma onda de gritos, abraços e lágrimas tomou conta da nossa equipe.” [destaques nossos]. Nesse trecho, a editora se refere ao grupo de leitores e a origem do nome Turma do Fundão, uma referência aos alunos que sentam no fundo da sala de aula na escola e são conhecidos pela irreverência e oposição aos mais estudiosos. Na mesma página (Anexo 6), à direita, um convite para o leitor participar na Turma do Fundão 2011, que abre as inscrições. O convite será reafirmado em um anúncio (Anexo 7) publicado na mesma edição.

Com as inscrições abertas para a nova turma, Patricia anuncia, na carta da edição 114, de agosto de 2011, “Fica, vai ter bolo!”, um novo blog, chamado Turma do Fundão. E define: “*o canal em que os futuros TdFs dividirão ideias, falarão dos bastidores de sua participação na revista, o que andam fazendo*”. Antes da escolha do grupo, o blog ficou sob o comando da jornalista Giselle Hirata.

É na edição de setembro, quando os novos membros da turma são realmente anunciados, que a diretora de redação reflete sobre o desejo de estar próximo dos leitores e por que a Turma do Fundão foi criada. Com o título “You & ME”, a carta da edição 115 (Anexo 8), relembra questões levantadas por SCALZO (2004). Principalmente quando o assunto é a importância de que as revistas se mantenham próximas de seus leitores.

Vou dizer um negócio. ***A gente tem uma obsessão na MUNDO ESTRANHO: você.*** E isso não é papo de vendedor. ***Queremos saber a sua opinião sobre a revista*** em bate-papos no MSN, na twitcam, via e-mail, redes sociais etc. ***E também o que você está comendo, ouvindo, assistindo, jogando. Isso tudo é assunto do nosso mais absoluto interesse.*** A gente não é bedelho, mas precisa dessas informações para produzir sempre (e cada vez mais!) uma revista inovadora, apaixonante. Vamos combinar que, para pegar alguém de surpresa, precisamos conhecer a pessoa bem [destaques nossos].

O parágrafo se relaciona de forma direta com as questões propostas aos jovens na ficha de inscrição para a Turma do Fundão. E o texto continua da seguinte forma:

Não dá para a gente se desdobrar e estar em todos os cantos do país (bem que a gente tem vontade!). ***É para nos ajudar nessa tarefa que recrutamos a Turma do Fundão no ano passado.*** Na revista que você tem em mãos, publicamos os novos TdFs. Aos que foram, obrigada mesmo. Aos que chegam, as nossas boas-vindas [destaques nossos].

A imagem que ilustra essa carta é um mapa do Brasil com a porcentagem de jovens inscritos, por estado, na Turma do Fundão 2011 (Figura 15). Esse mapa já havia sido

publicado no blog TdF. A justificativa da diretora para a criação do grupo estaria no desejo de a revista estar mais presente e próxima das diferentes regiões brasileiras. A legenda ao lado do mapa ainda diz que os números representam a participação de cada estado nas eliminatórias. O que Patricia não fala, no entanto, é que apenas cinco, dos 18 selecionados para a TdF 2011 moram fora do estado de São Paulo. Nenhum deles, na região Norte do país, por exemplo. Na Turma do Fundão 2010, que tinha 16 jovens, somente cinco moravam fora de São Paulo. O texto destaca os anseios da revista, mas não comprova essa proximidade, assim como não relaciona o mapa com os jovens já selecionados. A revista quer estar próxima dos jovens de diferentes regiões do país, mas não está. Mesmo assim, afirma que esse desejo de proximidade teria levado à formação da Turma do Fundão.

Ao analisar as descrições da Turma do Fundão por fontes institucionais percebe-se que o que é dito diverge do efetivamente feito pelo grupo. Ao mesmo tempo, a publicação se utiliza desse grupo de jovens para reforçar características e marcas fortes da publicação como irreverência e originalidade. A Turma do Fundão acaba se tornando mais uma forma da Mundo Estranho dizer o que faz, como faz e o quanto isso é positivo, do que mostrar o que cada jovem é e pensa.

A participação da Turma do Fundão 2010 nas páginas da Mundo Estranho, o desenrolar do processo seletivo para a Turma do Fundão 2011 e o modo como o grupo de leitores é descrito institucionalmente foram analisados no decorrer deste capítulo. Com os subsídios da metodologia escolhida, a análise de conteúdo, foi possível perceber detalhes de cada etapa que não seriam percebidos em uma primeira leitura, superficial. O objetivo da revista com a marca TdF, ou seja, reforçar suas escolhas, ficou claro depois de observar a participação da turma de 2010. Já as características do leitor que a publicação entende que é o seu puderam ser descritas ao analisar o blog Turma do Fundão. Por fim, um olhar atento sob as vozes institucionais reforçaram o que já tinha sido observado no começo da análise, a presença de leitores e de suas identidades não traz novos posicionamentos, mas, em sua maioria, reintera a identidade já fortalecida da revista Mundo Estranho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em setembro de 2010, pela primeira vez em uma trajetória de nove anos, a revista Mundo Estranho estruturou um grupo de leitores para atuar como colaboradores, sugerindo e opinando sobre a publicação. Esse estudo, então, focou-se no modo como a representação da identidade dos leitores, membros da Turma do Fundão, surge nas páginas desta publicação: tanto aquele leitor que é membro da Turma do Fundão, quanto o que quer se tornar um membro.

Para efetivar essa discussão, foi preciso levantar questões teóricas importantes: a formação da identidade na modernidade tardia, o desenvolvimento do ato de ler e as características específicas do jornalismo publicado em revistas. No primeiro capítulo, o sujeito com identidades fragmentadas, defendido por Hall (2009), é parte de sociedades também fragmentadas que se unem por meio de comunidades imaginadas, como a comunidade dos leitores. A leitura, segunda parte da discussão deste capítulo, também se fragmenta com o passar do tempo, abrigando diferentes suportes e canais de acesso à informação. Nos jornais e nas revistas, o papel do leitor também é múltiplo, em um momento pode atuar como repórter, em outro como conselheiro, além de ser fonte ou, até mesmo, fotógrafo.

Para compreender como as revistas, publicações com periodicidade menor do que os jornais e mais específicas, se relacionam com seus leitores formou-se o segundo capítulo teórico. Nele, parte do desenvolvimento da atividade jornalística é remontado. O crescimento que acompanhou a Revolução Industrial na Europa e as experiências das primeiras revistas lançadas colaboraram para a construção do que hoje se compreende como revista: publicações com temáticas segmentadas e que exigem uma certa proximidade com o leitor. Scalzo(2004) ainda afirma que a estabilidade de uma revista está diretamente relacionada com o nível de conhecimento que se tem do seu público.

Em uma sociedade com sujeitos fragmentados, publicações como as revistas, que têm a segmentação em seu cerne, multiplicam-se ainda mais, para se adaptar, com profissionalismo, às necessidades, gostos e anseios de seus leitores. Quando discute as publicações mensais, por exemplo, Scalzo (2004, p.15) conclui: “sabe-se exatamente com quem se está falando”. Uma das tentativas de aproximação é a formação de conselhos de leitores. Para Arócha (2009), esses grupos acabam por referenciar decisões já tomadas pelos veículos. O papel de um conselheiro, de sugerir e opinar sobre novas abordagens nas publicações, acaba se transformando em uma ratificação do que é decidido e elaborado pela redação.

Considerando o jornalismo como uma prática discursiva, outra questão-chave estudada foi o discurso apresentado pelas publicações. O que se diz, onde e com que finalidade. É em momentos como esses que as características do leitor almejado pela publicação surgem, como no caso da revista Mundo Estranho. Essas representações também colaboram para a composição do *ethos* jornalístico, uma referência teórica presente no segundo capítulo e também importante para este trabalho.

Com o objetivo de mapear os espaços destinados pela revista para a participação dos leitores da Turma do Fundão 2010; identificar quais características dos candidatos à “Turma do Fundão 2011” foram destacadas no blog da promoção; e, por fim, analisar a construção da identidade desse leitor sob o ponto de vista institucional, dividiu-se a análise em três etapas distintas. Na primeira etapa do terceiro capítulo, toda a participação do grupo, marcada pelo selo “TdF”, entre os meses de outubro de 2010 e agosto de 2011 foi analisada. Definiu-se, então, quatro categorias distintas: “*Participação de Apuração*”, “*Participação de Sugestão*”, “*Participação de Opinião*” e “*Participação de Avaliação*”. Na primeira delas, foi possível perceber o uso da marca TdF para reverenciar atividades promovidas pela própria Editora Abril, como a Feira Guia do Estudante, além de pequenas opiniões sobre livros, séries e filmes. Não foi registrado, no entanto, críticas aos produtos analisados pelos jovens. Já na “*Participação de Sugestão*”, o difícil foi encontrar áreas em que a presença dos membros da Turma do Fundão fosse algo único. A grande maioria das participações se deu em seções que são abertas para todos os leitores da revista, reduzindo o caráter excepcional do grupo. Na terceira categoria, “*Participação de Opinião*”, no entanto, a presença dos TdFs foi extremamente significativa para essa análise. Em espaços dedicados de opinião aos jovens foram publicados textos com termos científicos. Além

disso, a ausência de aspas ou marcas de oralidade levam a crer que boa parte pode não ter sido escrito efetivamente pelos jovens. Neste momento, o desejo da revista utilizar os jovens para reafirmar o que ela já produz tornou-se evidente. Já a categoria “*Participação de Avaliação*”, reforça dados encontrados na segunda categoria, onde os membros da Turma do Fundão avaliam a publicação pelos mesmos meios que estão disponíveis para todos os demais leitores.

Na segunda etapa da análise, o blog montado para acompanhar a seleção da segunda Turma do Fundão ficou em evidência. Dados objetivos revelados nas fichas de inscrição foram relacionados com textos escritos pela redação. Nas postagens, características dos jovens inscritos foram destacadas junto do pensamento da publicação. Assim, observou-se a identidade do leitor que a publicação entende que é o seu.

Por fim, para analisar a forma como a revista constrói, do ponto de vista institucional, a identidade do seu leitor da Turma do Fundão, editoriais e informações divulgadas pela Editora Abril foram revistos. O material define características específicas desse leitor que acabam, por vezes, reforçando estereótipos, como o fato de a revista ser lida, prioritariamente, por jovens do sexo masculino. A publicação afirma, ao mesmo tempo, que os adolescentes selecionados para participar do grupo representam a totalidade de leitores da publicação.

A *Mundo Estranho* se entende como uma revista com leitores específicos: jovens do sexo masculino, de classes média e alta, curiosos, informados sobre tecnologia e atualidades. Mesmo que os dados trazidos nas fichas de inscrição mostrem divergências neste contexto, como o fato de 40,3% dos inscritos para o processo seletivo de 2011 serem do sexo feminino, a publicação mantém seu posicionamento. O número grande de participantes da turma que mora na região Sudeste do país, mesmo com fichas vindas de todas as regiões, é outro exemplo.

Essas questões são levantadas pelos leitores nos comentários feitos no blog Turma do Fundão, que não fazem parte desta pesquisa, mas são um campo importante para uma pesquisa futura. Observar esses comentários é algo que pode trazer resultados pertinentes para o entendimento sobre a representação da identidade do leitor da TdF e a forma como a revista compreende essa identidade. Outra colaboração importante é o acompanhamento da participação da Turma do Fundão 2011, que atuará até agosto de 2012. O grupo atual, que não foi objeto deste estudo, tem um novo canal de comunicação e participação, um blog

com postagens diárias feitas por eles mesmos. Essa ferramenta pode transformar o modo como os leitores são transpostos para a edição impressa da Mundo Estranho. Analisar esses dois aspectos, futuramente, é algo importante para compreender, mais a fundo, como se desenvolve a representação dos leitores, membros da Turma do Fundão, na revista Mundo Estranho.

Outra possibilidade de pesquisa, com elementos importantes para a fundamentação da Turma do Fundão e que não foram considerados neste trabalho, seria o acompanhamento da redação da ME. Dessa forma, seria possível analisar outras questões sobre o relacionamento da revista com esse grupo de leitores e, ainda, como essa participação é pensada pelos jornalistas da Mundo Estranho.

A relação estabelecida entre leitores e publicações, em especial as revistas, é de extrema importância, principalmente para se definir características que marcam a publicação. Quando se fala de leitores jovens, que estão se fixando em suas leituras, isso é algo ainda mais relevante. Ao mesmo tempo, conforme foi verificado teoricamente, o envolvimento entre um grupo específico de leitores e suas revistas é algo pouco descrito em pesquisas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÓCHA, Camila. **De leitores a conselheiros**: estudo de caso - o conselho do leitor do jornal Zero Hora. Dissertação de Mestrado. PPG em Ciências da Comunicação. São Leopoldo: UNISINOS, 2009. 165 pgs.

BAPTISTA, Íria; ABREU, Karen. A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. Covilhã: LABCOM, 2010. Pgs 01-27.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4 Ed. Lisboa : Edições 70, 2010.

BENETTI, Marcia. Blogs jornalísticos e formações imaginárias. **Revista ECO-PÓS**, vol 11, num. 02. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Pgs 38-60.

BENETTI, Marcia; HAGEN, Sean. Jornalismo e imagem de si: o discurso institucional das revistas semanais. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, ano VII, num. 01. Florianópolis: UFSC, 2010. Pgs 123-135.

BERGER, Christa. **Campos em confronto**: a terra e o texto. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 7 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.

BRIGGS, Asa; PETER, Burke. **Uma História Social da Mídia**: de Gutenberg à Internet. 2 Ed. Rio de Janeiro: Zahar 2006.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em Rede. 10 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____, Manuel. **O poder da identidade**. 5 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CHARADEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Unesp, 1999.

_____, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.

FERREIRA, Marina Lopes. **A construção da identidade masculina na revista Men's Health**. Trabalho de Conclusão de Curso. Escola de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 85 pgs.

HENNIGEN, Inês; COSTA, Ângelo Brandelli. Psicologia e publicidade: velhos e novos encontros. **Revista FAMECOS**, num. 40. Porto Alegre: PUCRS, 2009. Pgs 117-123.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERSCOVITZ, Heloiza G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (orgs.). **Metodologias de pesquisa em jornalismo**. 2 Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da Leitura**. 11 Ed. Campinas: Pontes, 2008.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 7 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MAINGUENEAU, Dominic. Ethos, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em veja e manchete**. São Paulo: Annablume, 2002.

REGINATO, Gisele Dotto. **Em busca da complexa simplicidade: o consumo no discurso jornalístico da revista Vida Simples**. Dissertação de Mestrado. PPG em Comunicação. Santa Maria: UFSM, 2011. 199 pgs.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Lidiane R. Dos; MOREIRA, Lucia C.M.deM. A caixa mágica de identidades possíveis. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. Covilhã: LABCOM, 2008. Pgs 01-14.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHOEN-FERREIRA, T. H. ; AZNAR-FARIAS, M. ; SILVARES, E. F. M. . A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**, vol. 8, num. 1. Natal: UFRN, 2003. Pgs 107-114.

SOUZA, Rose Mara V.de. Cultura Hip Hop, Identidade e Sociabilidade: estudo de caso do movimento em Palmas. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. Covilhã: LABCOM, 2006. Pgs 01-13.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2. Ed., 2005.

ANEXOS

Anexo 1

TdF Turma do Fundação

A primeira missão da TdF foi cobrir a Feira do Guia do Estudante, entre os dias 27 e 29 de agosto. O Vitor e a Dani passaram por lá e contam como foi o evento

VITOR ORTONA

IDADE 17 anos
CIDADE São Paulo, SP

No dia 27 de agosto, tive a oportunidade de ir até a Feira do Guia do Estudante. Várias faculdades, a maioria particular, estavam lá para apresentar os cursos. Como sou vestibulando neste ano, achei ótimo! Eu ainda estava em dúvida de qual área queria seguir, então aproveitei para conhecer um pouco mais sobre as profissões. E me decidi! Vou prestar vestibular para jornalismo, na Cárcer Livre, e artes cênicas, na USP. Vamos ver em qual vou me dar melhor!

DANIELLA LEAL

IDADE 17 anos
CIDADE São Paulo, SP

A feira estava fantástica! Assisti a palestras, fiz testes vocacionais e conversei com representantes das universidades. Tudo isso serviu para fortalecer, ainda mais, a minha decisão. Bom, depois de mudar de ideia várias vezes, me decidi pelo curso de direito. Percebi que nessa profissão vou poder relacionar coisas de que eu gosto com alguma certeza de estabilidade profissional. Agora ninguém mais vai me dizer que eu vou morrer de fome!

Os TdF's Bruno e Alexia também apareceram por lá!

1. Clovis Fabiano 2. Giselle Hirota

AVON
clearskin
apresenta

Tá Cheio de espinhas no rosto?

RELAXA! Na adolescência, é comum acontecer uma série de mudanças em nosso corpo, como o aparecimento de cravos e espinhas. Isso rola bem nessa fase porque é quando nosso organismo produz uma enorme quantidade de hormônios, que acabam aumentando a atividade das glândulas sebáceas e facilitam o desenvolvimento da acne.

TIRE SUAS DÚVIDAS!
Você pode entrar em nosso Formspring e fazer suas perguntas para que um profissional o ajude!

➔ www.formspring.me/pelesemacne

Para evitar a acne...

AVON CLEARSKIN tem tudo o que você precisa para uma pele limpa e ajuda a deixá-la sem cravos e espinhas! Bastam alguns minutos ao dia para ter seu rosto livre da acne!



Probatado pelo **COLÉGIO JOVEM** de Santos/Avon

Anexo 2

4 maneiras de consertar Transformers

Depois da overdose de ruídos, cortes e tramas paralelas no segundo filme, era hora de mandar os Autobots de volta à oficina. Veja as decisões do diretor Michael Bay para acertar com o novo longa, *O Lado Oculto da Lua*
ESTREIA DIA 1



PEGAR UM MODELO MAIS NOVO

Sai Megan Fox e entra a igualmente sexy top model Rosie Huntington-Whiteley



EXPANDIR A FROTA

Leonard Nimoy (o Spock de *Star Trek*) empresta sua voz a Sentinel Prime, antecessor de Optimus



CORTAR OS OPCIONAIS

A trama ficou bem mais enxuta e focada num lugar só: Chicago, onde a personagem de Rosie fica situada



ALINHAR O BALANCEAMENTO

O 3D exige menos movimento de câmera, resultando em cenas de ação mais planejadas e menos apertadas

FOTOS Divulgação; ILUSTRAÇÃO Everton Luiz Silva

queima-filme



"A" de aberração!

Capitão América: O Primeiro Vingador estreia no dia 29... Mas ele não é tão "primeiro" assim. O herói já teve um filme antes, para a TV, com orçamento pra lá de miserável, efeitos especiais piífos e uniforme que mais parecia o de um Power Ranger. Olha o capacetão!
VIDEO [abr.10/capitao](#)

EU QUERO!



O FREAK DE HOLLYWOOD

Não dá para confundir: você sempre sabe quando está diante de um filme de Tim Burton. *O Estranho Mundo de Tim Burton* destrincha o humor e o estilo do louco diretor de *Alice no País das Maravilhas* e *Edward Mãos de Tesoura*
EDITORIA LeYa **PÁGS.** 336 **R\$** 44,90

PLANO B

Assim como você, as principais séries na TV paga entraram em férias. Mas há algumas alternativas para atenuar sua saudade. O Warner Channel lança o quarto ano de **Chuck** (dia 5, 21h), em que o atrapalhado espião redescobre sua "falecida" mãe. No dia 6, às 21h, começa o segundo ano da ficção científica **V**, reformulada para ter mais ação e menos enrolação. E, na HBO, Sookie combate uma médium bruxa no quarto ano de **True Blood** (dia 10, 21h).



T&F
CONTOU
Thales
Fontana

METROPOLI-TRAMAS

Grafias Urbanas cumpre bem seu objetivo: histórias para ler "numa sentada só". Mas não se surpreenda se você não parar até terminar de devorar tudo. São contos curtos, envolventes, alguns bem-humorados, outros com finais imprevisíveis, sobre a violência e outros temas urbanos. Vale a pena!
EDITORIA SCIPIONE **PÁGS.** 144 **R\$** 39,90



JULHO 2011 **munco estranho** 63



"É a era dos games. Nada se compara ao prazer de jogar um bom jogo. Você dá vida ao personagem e é capaz de desarmar bombas e até ganhar a copa mundial!"



TUF
opinou
Jean Rocaelli

LUZ, JOYSTICK, AÇÃO!

Um prende a atenção nas telonas e o outro, na telinha. O cinema e os games movimentam o mercado de entretenimento, mas, lado a lado, quem leva a melhor?

TEXTO Renata Reys
ILUSTRAÇÃO Laerte Silvino



GAMES
X
CINEMA

Segundo uma pesquisa da Strategy Analytics, a indústria faturou mais de 46 bilhões de dólares só em 2009. O grande trunfo foi o Guitar Hero III, que atingiu os 2 bilhões de dólares. Nos salários, porém, os jogos ficam atrás: enquanto o presidente da Nintendo, Satoru Iwata, recebe quase 770 mil dólares, o diretor executivo da Sony, Howard Stringer, ganha 19,2 milhões de dólares

Uma pesquisa do NPD Group, realizada em maio de 2009 nos EUA, indica que 63% dos americanos já jogaram algum game, enquanto a relação dos que foram ao cinema ficou em 53%. E a crise econômica mundial parece não afetar o mercado, que **crece 18,7%** em faturamento a cada ano

O primeiro jogo eletrônico foi criado em 1958, nos EUA. Os consagrados surgiram na **década de 1970, com o Atari**. Nos anos 80, aparece o Mario Bros, seguido pelo Sonic. Hoje, existem centenas de jogos, que dividem o mercado dos aficionados por PlayStation, Wii e Xbox

Há pouco tempo, era considerado um vilão para a criançada, já que atrapalhava nas lições de casa. Hoje, com novas versões, os games trazem benefícios para a saúde. Eles estimulam o desenvolvimento do córtex cerebral e melhoram a **coordenação motora**. Os **sensores de movimento** melhoram o equilíbrio e ajudam até a perder uns quilinhos

A aposta da indústria segue para a era dos **movimentos e jogos 3D**. Os primeiros tridimensionais para PlayStation 3 apareceram em junho deste ano, e outros já estão em fase de produção. Já os sensores de movimento marcam um futuro que já começou. A revolução do Wii chegou até o Kinect e ao Move, que prometem aprimoramentos

FONTES Paulo Sérgio Almeida, cineasta e diretor do portal Filme @ Pedro Burgos, editor do Guiamojo; The Internet Movie Database (IMDb); Variety; Box Office Mojo; Instituto Nielsen; NPD Group

Mercado

As bilheterias dos EUA, que detêm 85% do faturamento mundial, movimentam **10 bilhões de dólares** todos os anos. A estimativa é que a indústria cinematográfica ganhe, anualmente, cerca de 12 bilhões de dólares. Atualmente, o destaque de rentabilidade vai para o filme Avatar, de James Cameron, que faturou cerca de 1,8 bilhão de dólares enquanto esteve em cartaz

Popularidade

Com a pirataria, o download de filmes pela internet e o aumento de assinantes da TV paga, poucos se animam a sair de casa para ir ao cinema. Isso tem afetado o mercado cinematográfico. Mas a principal crise está na venda de DVDs (responsável por até 50% do faturamento de um filme), que **diminuiu 9%** nos últimos quatro anos

História

Surgiu no **fim do século 19**, na França, com os **Irmãos Lumière**. O cinema foi uma revolução nas artes depois da fotografia. Virou versão de clássicos da literatura, teve o formato adaptado para a TV e hoje é a segunda forma artística mais popular - só perde para a música

Benefícios

Ter o costume de ir ao cinema desde pequeno tem suas vantagens. Na escola, os filmes despertam a atenção dos alunos e servem como alternativa para a apreensão de conteúdo. Como uma forma de arte, **estimula a criatividade** e aumenta o nível de conhecimento geral das pessoas, além de proporcionar o reflexo sobre temas sociais

Avanços tecnológicos

Depois do 3D, o cinema quer mexer com os sentidos humanos. A ideia é **implantar o 5D**, adaptando o ambiente com aromas e **poltronas móveis**. Os filmes terão vários finais para que o espectador escolha o melhor desfecho - ou seja, quase um videogame!

4x3 **VITÓRIA DOS GAMES!** O resultado foi apertado, mas os consoles dinâmicos dominaram a galera de pipoca! O cinema promete uma revolução, mas os games já estão vivendo uma

Anexo 4

DEBATE QUE EU GOSTO

voto no site

Sim ou não? Vote em abcisio/debateME e dê sua opinião!

FONTES Fernando Lefevre, da Faculdade de Saúde Pública da USP; Edward Green, diretor do Projeto de Pesquisa em Prevenção de Aids da Universidade Harvard; Ellen Zica (técnicado Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde); Felipe Aquino, apresentador da TV Cancão Nova; Descobrimento Sexual do Brasil, de Carmita Abdo; Unacids

CAMISINHAS DEVEM SER DISTRIBUÍDAS EM ESCOLAS?

Em média, brasileiras perdem a virgindade aos 16,5 anos. Os garotos estreiam mais cedo ainda, aos 15 anos! Jovens dessa faixa etária passam boa parte do tempo dentro do colégio. Por isso, para **aumentar o acesso aos preservativos**, o lugar de distribuição mais efetivo é a escola. Como os adolescentes vão transar de qualquer forma, melhor que estejam protegidos

Na volta das férias, seis colégios brasileiros vão instalar máquinas distribuidoras de preservativos. Essa iniciativa do Ministério da Saúde visa ampliar o acesso dos jovens à camisinha, evitando doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e gravidezes indesejadas. Mas será que a escola é lugar para isso?

A iniciação sexual dos brasileiros é precoce. Nos EUA, a primeira relação rola, em média, dois anos mais tarde do que no Brasil. Facilitar o acesso ao preservativo **diminuiria a idade da primeira vez**. A falta de maturidade dos jovens aumentaria a probabilidade de casos de gravidez não planejada e doenças sexualmente transmissíveis

Mesmo com a distribuição gratuita em postos de saúde, **muitos jovens ainda fazem sexo sem proteção** - na primeira vez, um terço dos adolescentes brasileiros não usa preservativo! Jovens sem dinheiro para comprar camisinhas ou coragem para ir até o posto podem se proteger com preservativos retrados na escola

O ambiente educacional é ideal para que os alunos discutam o uso de preservativos, mas não necessariamente para recebê-los. **O fornecimento de camisinhas já é feito em outros lugares**, como unidades de saúde, postos médicos e hospitais. Entre janeiro e agosto de 2010, cerca de 259 milhões de camisinhas foram distribuídas em todo o Brasil

Para Quêzia Bombonato, presidente da Associação Brasileira de Psicopedagogia, **"educação sexual não é função exclusiva dos pais: a escola é parceira deles no processo educacional"**. Por isso, o colégio deve oferecer uma formação completa ao aluno, com direito à instrução sobre sexualidade e ao fornecimento do preservativo

Fornecer camisinhas no colégio **banaliza o ato sexual**. "A presença do preservativo nas escolas incentiva jovens ainda imaturos e em fase de formação a fazer sexo sem consideração pela afetividade tão necessária em uma relação", afirma o cônego Antônio Aparecido Pereira, da Arquidiocese de São Paulo

Segundo pesquisa da Unesco, encomendada pelo governo brasileiro, o principal motivo alegado por 42,7% dos estudantes para não usar camisinha é não tê-la na hora H. Além disso, 9,7% deles dizem não ter como comprá-las. Distribuindo preservativos aos alunos, a escola evita que eles façam sexo sem segurança e ensina que é **melhor prevenir do que remediar**

A dificuldade dos jovens para obter camisinhas não acontece por má distribuição e nem por falta de informação. A inibição dos pais e até dos próprios alunos para falar de sexo é o verdadeiro problema. O fato de preservativos estarem disponíveis nas escolas diminui a importância do debate familiar e pode **aumentar o tabu** sobre o assunto

TEXTO Luiz Romero
ILUSTRA Jorge Galvão

SIM

NÃO

TCF OPINIU Philippe Menezes

TCF Opiniu Beatriz Afonso

Anexo 5

de **Giselle Hirata** gisellehirata@gmail.com [ocultar detalhes](#) 2 set [Responder](#)


para Mariana Müller <marianasmuller@gmail.com>

data 2 de setembro de 2011 13:06

assunto Re: Monografia UFRGS - Mundo Estranho

enviado por gmail.com

assinado por gmail.com

 Importante principalmente por causa da sua interação com as mensagens nesta conversa.

Oi, Mariana. Tudo bem?

Segue o questionário:

Dados

Nome completo

Idade

Endereço completo

Telefones para contato

Blog

Orkut

Twitter

Perguntas

1. Qual é o seu seriado favorito?
2. Se você pudesse ser um super-herói, qual seria?
3. Para você estudar é...
4. Qual é o seu game favorito?
5. Quantas horas você fica online por dia? E fazendo o quê?
6. Qual rede social você participa mais? Por quê?
7. Se você pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
8. Você pratica algum esporte? Qual?
9. Quais as 5 coisas mais legais do seu quarto?
10. Qual foi a coisa mais nojenta que você já fez?
11. Qual foi a sua matéria preferida da ME? Por quê?
12. Se você tivesse R\$ 500,00 reais para gastar, com o que gastaria?
13. Qual foi o pior pesadelo que você já teve?
14. Por que você quer ser da Turma do Fundão?

Espero ter ajudado.

Att,

Giselle



Coisa de gente grande

Até aquele momento, a noite de 18 de abril de 2011 estava fria para a MUNDO ESTRANHO na Sala São Paulo. Apesar de a revista concorrer nas categorias Infográfico (com os trabalhos "Como seria a batalha entre os dois porta-aviões mais poderosos do mundo?" e "Qual o tiro letal mais longo disparado em combate?") e Uso de Redes Sociais (com a Twitcam mensal), não tínhamos levado nada de nada no Prêmio Abril de Jornalismo. O evento, que desde 1977 reconhece o que foi feito de melhor no último ano nas revistas e sites da editora, passava em branco para nós.

Até que subiram ao palco o editor e presidente do Conselho de Administração do Grupo Abril, Roberto Civita, e Thomaz Souto Corrêa, vice-presidente do conselho editorial. Foram convidados pelo apresentador da festa, Marcelo Adnet. Roberto Civita abriu o envelope com o prêmio mais cobiçado: Revista do Ano. Quando leu: MUNDO... nenhum de nós ouviu o resto. Lá do fundo do teatro (somos mesmo a Turma do Fundão da editora) uma onda de gritos, abraços e lágrimas tomou conta da nossa equipe.

Sabe a sensação de dever cumprido? Foi elevada ao cubo. Sabe uma batata frita quentinha? Foi mais saboroso. Sabe o refrigerante gelado no verão? Foi mais gostoso. Ao lado, as fotos das cenas que se seguiram.



Patricia Hargreaves
Diretora de Redação
phargreaves@abril.com.br



As concorrentes da ME no Prêmio Abril de Jornalismo 2011: Porta-aviões e Tiro Letal, no quesito infografia. Acima, o Bé, designer, e o Luiz, estagiário, na Twitcam, que disputou como melhor Uso de Redes Sociais



ENTRE PRA TURMA
Se você quer fazer parte da nossa Turma do Fundão, pode correr também. Nesta edição, publicamos as instruções e o regulamento para você se inscrever na segunda edição da TdF. Vai lá e se joga!

EDITORIA Abril

QUER SER UM TdF Turma do Fundão?

Sugira matérias

Avalie sites, games, livros e filmes

Opine sobre a edição do mês

Participe de eventos irados

A MUNDO ESTRANHO vai selecionar 15 leitores para a TURMA DO FUNDÃO, a galera que vai ajudar a redação a deixar a revista que você gosta ainda mais legal!

De quebra, você ainda vai aparecer nas páginas da sua revista preferida.

Acesse nosso site, preencha a ficha de inscrição e comece a torcer!

www.mundoestranho.com.br



TdF

MUNDO estranho

